

AMADIS DE GAULA

(Tradução de Graça Videira Lopes, a partir do original castelhano de Garcí Rodríguez de Montalvo)¹

PRÓLOGO

Considerando os sábios antigos, que os grandes feitos das armas deixaram em escrito, quão breve foi aquilo que com efeito verdadeiramente nelas se passou, assim como as batalhas do nosso tempo que [por] nós foram vistas nos deram clara experiência e notícia, quiseram, sobre algum cimento de verdade, compor tais e tão estranhas façanhas, com que não apenas pensaram em deixar perpétua memória aos que delas foram afeiçoados, mas também que fossem lidas com grande admiração, como pelas antigas histórias dos gregos e troianos e outros que batalharam aparece por escrito. Assim o diz Salústio, que tanto os feitos dos de Atenas foram grandes quanto os seus escritores os quiseram aumentar e exaltar. Pois se no tempo destes oradores, que mais nas coisas da fama que do interesse ocupavam os seus juízos e fatigavam os seus espíritos, acontecera aquela santa conquista que o nosso muito esforçado Rei fez do reino de Granada, quantas flores, quantas rosas nela por eles seriam inventadas, assim no tocante ao esforço dos cavaleiros, nas revoltas, nas escaramuças e perigosos combates e em todas as outras coisas de afrontas e trabalhos, que para tal guerra se aparelharam, como nos esforçados razoamentos do grande Rei aos seus altos homens nas reais tendas ajuntados, e as obedientes respostas por eles dadas e, sobretudo, os grandes elogios, os crescidos louvores que merece por haver empreendido e acabado jornada tão católica! Por certo, creio eu que tanto o verdadeiro como o fingido que por eles fosse contado na fama de tão grande príncipe, com justa causa, sobre tão largo e verdadeiro cimento, pudera tocar nas nuvens; como se pode crer que, pelos seus sábios cronistas, se lhes fora dado seguir a antiguidade daquele estilo em memória aos vindouros, por escrito teriam deixado, pondo com justa causa em maior grau de fama e alteza verdadeira os seus grandes feitos que os dos outros emperadores, que com mais afeição que verdade que os nossos Rei e Rainha, foram louvados; pois que tanto mais o

¹ *Amadís de Gaula*, Edición de Juan Manuel Cacho Blecua, 2 vols, Madrid, Ediciones Cátedra, 1996. No final deste ficheiro, o leitor encontrará uma breve nota sobre o romance e os problemas (autoria, nacionalidade, etc.) que coloca.

merecem quanto é a diferença das leis que tiveram, que os primeiros serviram o mundo, que lhes deu o galardão, e os nossos o Senhor dele, que com tão conhecido amor e vontade ajudar os quis, por os achar tão dignos de porem em execução com muito trabalho e gasto o que tanto do seu serviço é; e se porventura algo cá em esquecimento ficar, não ficará perante a sua Real Majestade, onde lhes tem aparelhado o galardão que por isso merecem.

Outra maneira de mais conveniente crédito teve na sua história aquele grande historiador Titus Livius para exaltar a honra e a fama dos seus romanos: que afastando-os das forças corporais os chegou ao ardimento e esforço do coração; porque se no primeiro alguma dúvida se pode encontrar, no segundo não se encontraria; que se ele por mui estremado esforço deixou em memória a ousadia daquele que queimou o próprio braço¹, e daquele que por sua própria vontade se deitou no perigoso lago², já por nós foram vistas outras semelhantes cousas daqueles que menosprezando as vidas quiseram receber a morte, para a outros as tirar, de guisa que pelo que vimos podemos crer no que dele lemos, ainda que mui estranho nos pareça. Mas, por certo, em toda a sua grande história não se encontrará nenhum daqueles golpes espantosos, nem encontros milagrosos que nas outras histórias se encontram, como daquele forte Heitor se conta, e do famoso Aquiles, do esforçado Troilos e do valente Ajax Thalamón, e de outros muitos de que gram memória se faz, segundo a afeição daqueles que por escrito os deixaram. Bem assim como outras mais cerca de nós, daquele assinalado duque Godofré de Bulhom no golpe de espada que na ponte de Antiocho deu e do turco armado que quase em dois pedaços fez, sendo já rei de Jerusalém. Bem se pode e deve crer haver havido Tróia, e ser cercada e destruída pelos gregos, e assim mesmo ter sido conquistada Jerusalém, com outros muitos lugares por este Duque e seus companheiros, mas semelhantes golpes como estes atribuímo-los mais aos escritores, como já disse, do que terem com efeito ocorrido verdadeiramente. Outros houve de mais baixa sorte que escreveram, que não apenas escreveram sobre algum cimento de verdade, mas nem sobre o rasto dela. Estes são os que compuseram as histórias fingidas nas quais se encontram as coisas admiráveis fora da ordem da natureza, que mais pelo nome de patranhas do que de crónicas com muita razão devem ser tidas e chamadas.

Pois vejamos agora se as afrontas das armas que acontecem [aí] são semelhantes àquelas que quase todos os dias vemos e passamos, e ainda na maior parte

¹ A história de Muncio, contada por Tito Lívio, *Décadas*, (II, X, 12).

² Segundo Blecuca, tratar-se-á de uma referência à história de Curtius *Décadas* (VII, 6, 1-6).

desviadas da virtude e boa consciência; e aquelas que mui estranhas e graves nos parecem saibamos que são compostas e fingidas – que tomaremos de umas e de outras que algum fruto proveitoso nos tragam? Por certo, a meu ver, outra cousa não, salvo os bons exemplos e as doutrinas que mais à nossa salvação se alegarem, porque tendo sido permitido ser imprimida nos nossos corações a graça do muito alto Senhor para a elas nos chegarmos, tomemo-las por asas com que as nossas almas subam à alteza da glória para a qual foram criadas.

E eu isto considerando, desejando que de mim alguma sombra de memória ficasse, não me atrevendo a pôr o meu fraco engenho naquilo com que os mais sábios se ocuparam, quis-me juntar com os derradeiros que as coisas mais levianas e de menor substância escreveram, por serem a isso segundo a sua fraqueza mais conformes, coligindo estes três livros de Amadis, que por falta dos maus escritores, ou compositores, mui corruptos e viciosos se liam, e traduzindo e emendando o livro quarto com as Sergas de Esplandião, seu filho, que até agora não está na memória de ninguém ter visto, que por grande fortuna apareceu num túmulo de pedra que debaixo da terra, numa ermida perto de Constantinopla foi encontrado e trazido por um húngaro mercador a estas partes de Espanha, em letra e pergaminho tão antigo que com muito trabalho puderam ler aqueles que a língua sabiam; nos quais cinco livros, como quer que até aqui mais por patranhas que por crônicas eram tidos, são com as tais emendas acompanhados de tais exemplos e doutrinas, que com justa causa se poderão comparar aos levianos e fracos saleiros de cortiça que com tiras de ouro e prata são revestidos e guarnecidos, para que assim os cavaleiros mancebos como os mais velhos encontrem neles aquilo que a cada um convém. E se porventura nesta mal ordenada obra algum erro aparecer daqueles proibidos no humano ou no divino, disso peço humildemente perdão, pois que mantendo e crendo eu firmemente tudo aquilo que a Santa Igreja mantém e manda, mais a simples ignorância do que a obra foi disso causa.

*

Aqui se começa o primeiro livro do esforçado e virtuoso cavaleiro Amadis, filho do rei Periom de Gaula e da rainha Elisena, o qual foi corrigido e emendado pelo honrado e virtuoso cavaleiro Garci-Rodriguez de Montalvo, regedor da nobre vila de Medina del Campo, e corrigiu-o dos antigos originais que estavam corruptos e mal compostos em antigo estilo, por falta dos diferentes e maus escritores, tirando muitas palavras supérfluas e pondo outras de mais polido e elegante estilo tocantes à cavalaria e aos seus actos.

COMEÇA A OBRA

Não muitos anos depois da paixão do nosso Redentor e Salvador Jesus Cristo, houve um rei cristão na Pequena Bretanha, chamado Garinter, o qual, seguindo a lei da verdade, de muita devoção e boas maneiras era acompanhado. Este Rei teve duas filhas de uma nobre dona sua mulher, e a mais velha foi casada com Languines, Rei de Escócia, e foi chamada a Dona da Grinalda, porque o Rei seu marido nunca lhe consentiu cobrir os seus formosos cabelos senão com uma rica grinalda, tanto era pagado de os ver. De quem foram engendrados Agrajes e Mabília, os quais, um como cavaleiro e ela como donzela, nesta grande história muita menção se faz. A outra filha, que Elisena foi chamada, muito mais formosa que a primeira foi. E como quer que de mui grandes príncipes fosse demandada em casamento, nunca com nenhum deles casar lhe prougue; antes o seu retraimento e santa vida deram causa a que todos “beata perdida” a chamassem, considerando que pessoa de tão grande linhagem, dotada de tanta formosura, de tantos grandes demandada em casamento, não lhe era conveniente tomar tal estilo de vida. Pois o dito rei Garinter, sendo em assaz crescida idade, por dar descanso a seu ânimo, algumas vezes a monte e à caça ia. Entre as quais, saindo um dia de uma vila sua que Alima se chamava, e andando desviado das armadas e dos caçadores rezando as suas horas pela floresta, viu à sua esquerda uma brava batalha de um só cavaleiro que com dois combatia; conheceu ele os dois cavaleiros que seus vassallos eram, os quais, por serem mui soberbos e de más maneiras, e mui aparentados¹, muitos nojos² deles havia recebido. Mas o que com eles combatia não pôde conhecer, e não se fiando que a valentia de um lhe pudesse tirar o medo dos dois, afastando-se deles olhava a batalha, no fim da qual, pela mão daquele, os dois foram vencidos e mortos. Isto feito, o cavaleiro veio de encontro ao Rei, e como o visse sozinho, disse-lhe:

– Bom homem, que terra é esta que assim são os cavaleiros andantes assaltados?

O Rei disse-lhe:

– Não vos maravilheis disso, cavaleiro, que assim como nas outras terras há bons cavaleiros e maus, assim os há nesta; e estes que dizeis não somente a muitos hão

¹ Ou seja, muito bem aparentados (com muitos e poderosos parentes).

² Ofensas.

feito grandes males e desaguisados, mas ainda mesmo ao rei seu senhor, sem que deles justiça pudesse fazer: por serem muito aparentados fizeram grandes agravos e também por se acolherem nesta tão espessa montanha.

O cavaleiro lhe disse:

– Pois a esse rei que dizeis venho eu buscar de longa terra e lhe trago novas de um seu grande amigo; e se sabeis onde possa encontrá-lo, rogo-vos que mo digais.

O Rei lhe disse:

– Como quer que aconteça, não deixarei de vos dizer a verdade: sabeis certamente que eu sou o rei que procurais.

O cavaleiro, retirando o escudo e o elmo e dando-os ao seu escudeiro, foi-o abraçar, dizendo ser o rei Periom de Gaula, que muito o tinha desejado conhecer.

Muito alegres foram estes dois Reis em se terem assim juntado e, falando em muitas coisas, foram-se ao encontro dos caçadores que estavam para se acolher à vila; mas antes lhes apareceu um cervo, que muito cansado escapara das armadas, atrás do qual ambos os Reis foram em grande correria dos seus cavalos, pensando matá-lo; mas doutra maneira aconteceu, já que, de umas espessas matas, saiu um leão que o cervo alcançou e matou; e tendo-o aberto com as suas fortes garras, bravo e mal contido contra ao Reis se mostrava. E como tal o visse o rei Periom, disse:

– Pois não estareis tão sanhudo que parte da caça não nos deixeis!

E tomando as suas armas, desceu do cavalo, que, espantado do forte leão, não queria seguir adiante, e pondo o seu escudo diante, com a espada na mão foi-se ao leão, de tal forma que nem as grandes vozes que o rei Garinter lhe dava o puderam estorvar. O leão, então, deixando a presa, veio contra ele, e juntando-se ambos, tendo-o o leão por baixo em ponto de o matar, mas não perdendo o Rei o seu esforço, feriu-o com a espada no ventre e fê-lo cair morto ante si; e disto o rei Garinter muito espantado dizia para si mesmo:

– Não sem razão tem este fama do melhor cavaleiro do mundo!

Isto feito, e recolhida toda a companhia, fez carregar o leão e o cervo em dois palafréns e levá-los à vila com grande prazer. Onde, tendo sido a Rainha avisada de tal hóspede, encontraram os paços preparados com grandes e ricos atavios e as mesas postas; na mais alta se sentaram os Reis e noutra, junto com a Rainha, Elisena, sua filha; e ali foram servidos como em casa de tão rico homem se devia. Estando assim

naquele solaz¹, como aquela infanta tão formosa fosse e o rei Periom da mesma forma, e a fama dos seus grandes feitos de armas por todas as partes do mundo divulgadas, em tal ponto e hora se olharam que a grande honestidade e a santa vida dela não resistiu a que de incurável e mui grande amor não fosse presa, e o Rei igualmente dela, que até então o seu coração, sem ter subjugado a nenhuma outra, livre tinha; de guisa que tanto um como outro estiveram todo o comer quase fora do seu sentido. Levantadas as mesas, a Rainha quis recolher à sua câmara; e levantando-se Elisena, caiu-lhe um mui formoso anel na fralda do vestido, o qual tinha tirado para lavar as mãos e, com a grande turvação, não se tinha lembrado de tornar a pôr, e baixou-se para o apanhar; mas o rei Periom, que perto dela estava, quis-lho dar, de forma que as suas mãos se tocaram por momentos e o Rei tomou-lhe a mão e apertou-lha. Elisena ficou muito corada e olhando o Rei com olhos amorosos disse-lhe devagarinho que lhe agradecia aquele serviço.

– Ai senhora! – disse ele – Não será o derradeiro, mas todo o tempo da minha vida será empregado em vos servir!

Ela foi-se atrás da sua mãe com tão grande alteração que a vista quase levava perdida; e assim esta infanta, não podendo sofrer aquela nova dor que com tanta força havia vencido o seu velho pensamento, descobriu o seu segredo a uma sua donzela, em quem muito se fiava, que havia nome Darioleta, e com lágrimas dos seus olhos e mais ainda do coração, pediu-lhe conselho em como poderia saber se o rei Periom amaria outra mulher, e se aquele tão amoroso semblante que a ela havia mostrado se lhe teria vindo da maneira e com a força que no seu coração havia sentido. A donzela, espantada com tão súbita mudança em pessoa tão desviada de semelhante atitude, havendo piedade de tão piedosas lágrimas, disse-lhe:

– Senhora, bem vejo que a excessiva paixão que o tirano amor pôs em vós não deixou em vosso pensamento lugar onde albergar conselho e razão; e por isso, seguindo eu não aquilo que devo ao vosso serviço mas antes a vontade e obediência, farei o que me mandais pela via mais honesta, que a minha pouca discrição e o muito desejo de vos servir puderem encontrar.

E partindo-se então ela, foi até à câmara onde o rei Periom albergava, e encontrando o seu escudeiro à porta com os panos que lhe queria dar de vestir, disse-lhe:

– Amigo, ide-vos fazer al, que eu ficarei com vosso senhor e lhe darei recado.

¹ Convívio, prazer.

O escudeiro, pensando que aquilo por mais honra se fazia, deu-lhe os panos e partiu-se dali. A donzela entrou na câmara do rei, que estava na cama, e que, assim que a viu, a reconheceu como a donzela com quem tinha visto Elisena falar mais do que com qualquer outra, como se em ela mais do que em outra se fiasse; e acreditando que não sem remédio para os seus mortais desejos era vinda, estremeceu-lhe o coração e disse-lhe:

– Boa donzela, o que quereis?

– Dar-vos de vestir -disse ela.

– Para o coração devia isso ser – disse ele – que de prazer e alegria muito despojado e nu está.

– De que maneira? – disse ela.

– Porque vindo eu a esta terra – disse o Rei – com inteira liberdade, temendo apenas as aventuras que das armas me podiam ocorrer, não sei de que forma, entrando nesta casa destes vossos senhores, sou chagado de ferida mortal; e se vós, boa donzela, alguma mezinha para ela me procurásseis, por mim seríeis mui bem galardoada.

– Certamente, senhor – disse ela –, por mui contente me teria em fazer serviço a tão alto homem e tão bom cavaleiro como vós sois, se soubesse como.

– Se me prometeis – disse o Rei –, como leal donzela, não o descobrir, senão onde for razão, eu vo-lo direi.

– Dizei-o sem receio – disse ela –, que inteiramente por mim guardado será.

– Pois amiga senhora – disse ele –, digo-vos que em forte hora eu vi a grande formosura de Elisena, vossa senhora, que atormentado de coitas e fadigas estou a ponto de morte, da qual, se nenhum remédio encontro, não me poderei livrar.

A donzela, que neste caso inteiramente conhecia o coração da sua senhora, como já acima ouvistes, quando isto ouviu, ficou mui alegre e disse-lhe:

– Senhor, se vós me prometeis, como rei, guardar em tudo a verdade (que a isso, mais do que nenhum outro, sois obrigado), e como cavaleiro (já que, segundo a vossa fama, para a suster tantos afãs e perigos haveis passado), e tomá-la por mulher quando disso for tempo, eu pô-la-ei em lugar onde não apenas o vosso coração seja satisfeito, mas também o seu, que tanto ou porventura mais do que o vosso está em coita e em dor, ferido por essa mesma chaga; e se não for assim, nem vós a cobrareis, nem eu acreditarei serem as vossas palavras saídas de leal e honesto amor.

O Rei, que na sua vontade tinha já imprimida a permissão de Deus para que disto se seguisse o que adiante ouvireis, tomou a espada que cabo si tinha, e pondo a mão direita na cruz, disse:

– Eu juro por esta cruz e espada com que recebi a ordem de cavalaria fazer o que vós, donzela, me pedis, cada que me for pedido por vossa senhora Elisena.

– Pois agora folgai – disse ela –, que eu cumprirei o que disse.

E partindo-se dele voltou à sua senhora; e contando-lhe o que com o Rei concertara, grande alegria pôs no seu ânimo, de tal forma que, abraçando-a, lhe disse:

– Minha amiga verdadeira, quando verei a hora em que nos meus braços tenha aquele que por senhor me haveis dado!

– Já vo-lo direi – disse ela. Sabeis, senhora, como aquela câmara onde está o rei Periom tem uma porta que dá para a horta, por onde o vosso pai sai algumas vezes a recrear-se, que agora está coberta pelas cortinas, mas de que eu tenho a chave; pois quando o Rei sair dali, eu abri-la-ei, e sendo tão de noite que todos estejam sossegados no palácio, por ela poderemos entrar, sem que sejamos sentidas por ninguém; e quando for altura de sair, eu vos chamarei e conduzir-vos-ei à vossa cama.

Elisena, ouvindo isto, ficou tão atônita de prazer que não conseguia falar, até que, voltando a si, lhe disse:

– Minha amiga, em vós deixo toda a minha fazenda. Mas como se fará o que dizeis, se o meu pai está dentro da câmara com o rei Periom¹, e se se apercebesse seríamos todos em grande perigo?

– Isso – disse a donzela – deixai por minha conta, que o remediarei.

Com estas palavras terminaram a conversa. Os reis, a rainha e a infanta Elisena passaram aquele dia comendo e ceando como antes; mas quando chegou a noite, Darioleta tomou à parte o escudeiro do rei Periom e disse-lhe:

– Ai amigo, dizei-me se sois homem fidalgo!

– Sim, sou – disse ele – e ainda filho de cavaleiro; mas porque o perguntais?

– Eu vo-lo direi – disse ela; porque queria saber de vós uma coisa, e rogo-vos que, pela fé que a Deus e a el-Rei vosso senhor deveis, ma digais.

– Por Santa Maria – disse ele –, todas as coisas que eu souber vos direi, desde que não seja com dano do meu senhor.

¹ A referência deve ser entendida no contexto medieval, onde a dormida em comum era usual (e mesmo, como aqui, sinal de deferência por um hóspede ilustre).

– Isso vos outorgo eu – disse a donzela –, que nem eu vos perguntarei nada em seu dano nem vós teríeis razão em mo dizer; mas o que eu quero saber é que me digais qual é a donzela que o vosso senhor ama com estremado amor.

– O meu senhor – disse ele – ama a todas em geral, mas por certo que não lhe conheço nenhuma que ele ame da maneira que dizeis.

Nisto falando, chegou o rei Garinter onde estavam todos e, vendo Darioleta com o escudeiro, chamou-a e disse-lhe:

– Que tens tu que falar com o escudeiro del-Rei?

– Por Deus, senhor, eu vo-lo direi: ele chamou-me e disse-me que o seu senhor tem por costume dormir sozinho, e por certo sente muito embaraço com a vossa companhia.

El-Rei partiu-se dela, foi ao encontro do rei Periom e disse-lhe:

– Senhor, tenho ainda muitas coisas da minha fazenda para tratar e levanto-me à hora das matinas; por isso, e para não vos causar incómodo, tenho por bem que fiquéis sozinho na câmara.

O rei Periom disse-lhe:

-Fazei, senhor, como melhor vos aprouver.

– Assim me apraz – disse ele.

Então percebeu ele que a donzela lhe dissera a verdade, e mandou logo os seus reposteiros¹ tirarem a sua cama da câmara do rei Periom. Quando Darioleta viu que tudo, com efeito, vinha ao que desejava, foi-se a Elisena, sua senhora, e contou-lhe tudo o que se passara.

– Amiga senhora – disse ela –, agora creio, pois que Deus assim o propicia, que isto, que no presente engano parece, será adiante algum grande serviço seu; e dizei-me o que faremos, que a grande alegria que tenho me tira grande parte do juízo.

– Senhora – disse a donzela –, façamos esta noite o que está combinado, que a porta da câmara de que vos falei tenho-a aberta.

– Pois a vós deixo o cargo de me levar quando for tempo.

E assim estiveram até que todos foram dormir.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Como a infanta Elisena e a sua donzela Darioleta foram à câmara onde estava o rei Periom.

Quando todos sossegaram, Darioleta levantou-se e, tomando Elisena da sua cama, nua tal como estava, apenas com a camisa, cobriu-a com um manto e saíram ambas para a horta. O luar estava muito claro. A donzela olhou então para a sua senhora e, abrindo-lhe o manto, olhou o seu corpo e disse-lhe, rindo:

– Senhora, em boa hora nasceu o cavaleiro que esta noite vos terá; e bem diziam que esta era a mais formosa donzela de rosto e de corpo que então se conhecia.

Elisena sorriu e disse:

– Assim o podeis dizer por mim, que nasci em boa ventura para ser chegada a tal cavaleiro.

E assim chegaram à porta da câmara. E como quer que Elisena se dirigisse para a coisa que mais amava no mundo, tremia-lhe todo o corpo e a palavra, que não conseguia falar; e tocaram na porta para a abrir. O rei Periom que, com a grande fadiga que tinha no seu coração, bem como com a esperança que a donzela lhe tinha dado, não tinha podido dormir, naquela altura, já cansado e vencido pelo sono, adormecera; e sonhava que alguém entrava naquela câmara por uma falsa porta, sem ele saber quem, e lhe metia as mãos nos costados e, tirando-lhe o coração, o deitava a um rio. E ele dizia: "Porque fizestes tal crueza?" "Isto não é nada, dizia esse alguém, que aí vos fica outro coração que eu vos tomarei, ainda que não seja por minha vontade" O Rei, com a grande coita que em si sentia, acordou espavorido e começou a benzer-se. Nesta altura haviam já as donzelas aberto a porta e entravam por ela, e como ele o sentiu, temeu-se de traição por causa do que sonhara, e levantando a cabeça viu, por entre as cortinas, a porta aberta, do que ele nada sabia, e com o luar que por ela entrava viu o vulto das donzelas. Então, saltando da cama onde jazia, tomou a sua espada e o escudo e dirigiu-se contra aquela parte onde as tinha visto. Darioleta, quando assim o viu, disse-lhe:

– Que é isso, senhor? Tirai as vossas armas, que contra nós pouca defesa vos terão.

O Rei, que a conheceu, olhou e viu Elisena, sua muito amada, e deitando a espada e o escudo por terra, cobriu-se com um manto que ante a cama tinha e com o

¹ Funcionários encarregados da “reposte”, ou seja, alojamento, guarda-roupa, etc.

qual algumas vezes se levantava, e foi tomar a sua senhora nos braços; e ela o abraçou como aquele que mais que a si amava. Darioleta disse-lhe:

– Ficai, senhora, com esse cavaleiro, que ainda que vós como donzela até agora de muitos vos defendestes, e ele também de muitas outras se defendeu, não bastaram as vossas forças para vos defenderdes um do outro.

E Darioleta, procurando a espada do Rei onde ele a tinha deixado e tomando-a como sinal da jura e promessa que lhe tinha feito em razão do casamento de sua senhora, saiu para a horta. O Rei ficou sozinho com a sua amiga e, ao lume das três tochas que estavam na câmara, olhava-a, parecendo-lhe que toda a formosura do mundo se juntara nela e tendo-se por mui bem aventurado de Deus lha ter trazido em tal estado; e assim abraçados se foram deitar no leito.

Onde aquela que tanto tempo, com tanta formosura e juventude, pedida por tantos príncipes e grandes homens, se tinha defendido, ficando com liberdade de donzela, em pouco mais de um dia, quando o seu pensamento mais afastado e desviado estava disso, o qual amor, rompendo aquelas fortes amarras da sua honesta e santa vida lhe fez perder, tornando-se de ali em diante dona.

Por onde se dá a entender que assim as mulheres, afastando os seus pensamentos das coisas mundanais, desprezando a grande formosura com que a natureza as dotou...
(seguem-se considerações morais sobre a conduta feminina)

Estando pois assim estes dois amantes em seu solaz, Elisena perguntou ao Rei se a sua partida seria breve; e ele disse-lhe:

– E por que, minha senhora, o perguntais?

– Porque esta boa ventura – disse ela – que tanto gozo e descanso deu aos meus mortais desejos já me ameaça com a grande tristeza e angústia que a vossa ausência me dará, que com ela serei mais perto da morte que da vida.

Ouvidas por ele estas razões, disse:

– Não tendes temor disso, que ainda que este meu corpo parta da vossa presença, o meu coração junto com o vosso ficará, que a ambos dará esforço, a vós para sofrer e a mim para cedo regressar, que sendo sem ele não há outra força tão dura que me possa deter.

Darioleta, que viu ser tempo de sair dali, entrou na câmara e disse:

– Senhora, sei que outra vez vos agradou mais a minha presença do que agora, mas convém que vos levanteis e vamo-nos, que é tempo.

Elisena levantou-se e o Rei disse-lhe:

– Eu morarei aqui mais do que o possais crer, e isto será por vós; e rogo-vos que não se vos olvide este lugar.

Elas foram-se às suas camas e ele ficou na sua, muito pagado da sua amiga, mas espantado com o sonho que já ouvistes; e por ele havia mais vontade de se ir à sua terra, onde havia ao tempo muitos sábios que semelhantes cousas sabiam soltar e declarar¹, ainda que ele mesmo soubesse algo que aprendera quando mais moço. Neste júbilo e prazer morou ali o rei Periom dez dias, folgando todas as noites com aquela sua muito amada amiga, ao cabo dos quais decidiu, forçando a sua vontade e as lágrimas de sua senhora – que não foram poucas – partir. Assim, despedido do rei Garinter e da Rainha, armado com todas as suas armas, quando quis a sua espada empunhar não a encontrou; mas não ousou perguntar por ela, embora muito lhe doesse, porque era boa e formosa; isto fazia para que os seus amores com Elisena não fossem descobertos e para não dar desgosto ao rei Garinter. E mandou a um seu escudeiro que lhe arranjasse outra espada; e assim, armado só nas mãos e na cabeça, em cima do seu cavalo, sem outra companhia do que a do seu escudeiro, pôs-se a caminho direito ao seu reino. Mas antes falou com ele Darioleta, dizendo-lhe a gram coita e saudade em que deixava a sua amiga; e ele disse-lhe:

– Ai, minha amiga! Eu vo-la encomendo como ao meu próprio coração.

E tirando do seu dedo um mui formoso anel, de dois que trazia, iguais um ao outro, deu-lho para que lho levasse e ela o trouxesse pelo seu amor. Assim ficou Elisena com muita saudade e grande dor do seu amigo, tanto que se não fora por aquela donzela, que a esforçava muito, com grande dificuldade poderia suportar; mas falando com ela algum descanso sentia.

E assim foram passando o tempo até que Elisena se sentiu grávida, perdendo o comer, o dormir e a mui formosa cor. Aí foram as coitas e as dores maiores, e não sem causa, porque naquele tempo era por lei estabelecido que qualquer mulher, por grande que fosse o seu estado e senhoria, se fosse encontrada em adultério, não podia de nenhuma guisa escusar a morte. Este tão cruel e péssimo costume durou até à vinda do mui virtuoso rei Artur, que foi o melhor rei dos que ali reinaram, e a revogou no tempo em que matou Froiã às portas de Paris. Mas muitos reis reinaram entre ele e o rei Lisuarte que esta lei sustiveram. E como quer que o rei Periom, por aquelas palavras que com a sua espada prometera, como vos foi dito, perante Deus fosse sem culpa, não

o era perante o mundo, havendo sido tão ocultas; assim, pensar de o fazer saber a seu amigo não podia ser, sendo ele tão mancebo e tão orgulhoso de coração que nunca tomava folgança em nenhuma cousa senão em ganhar honra e fama, que nunca passava o seu tempo senão em andar de uns lugares para os outros como cavaleiro andante. Assim que nenhum remédio achava para a sua vida, não lhe pesando tanto perder a vista do mundo com a morte, como a daquele seu amado senhor e amigo verdadeiro; mas aquele mui poderoso Senhor, por permissão do qual tudo isto se passava para o seu santo serviço, deu tal esforço e discricção a Darioleta que a sua ajuda bastou para tudo reparar, como agora ouvireis.

Havia naquele palácio do rei Garinter uma câmara afastada, de abóbada, sobre um rio que ali passava, e que tinha uma porta de ferro pequena por onde algumas vezes saíam as donzelas folgar ao rio, e que estava vazia sem albergar ninguém; a qual, por conselho de Darioleta, Elisena pediu a seu pai e mãe, para reparação da sua má disposição e vida solitária, que sempre procurava ter, e para rezar as suas horas sem que fosse estorvada por ninguém, salvo por Darioleta, que suas dores sabia, para que a servisse e acompanhasse; o que ligeiramente por eles lhe foi outorgado, crendo ser sua intenção apenas reparar o corpo com mais saúde e a alma com vida mais estreita; e deram a chave da porta pequena à donzela, que a guardasse e a abrisse quando a sua filha por ali se quisesse distrair. E assim, aposentada Elisena aí onde ouvistes, um pouco mais descansada por se ver em tal lugar – que no seu parecer antes ali que noutra lugar o seu perigo reparar podia – tomou conselho da donzela sobre o que se faria do que parisse.

– O quê, senhora?! – disse ela – Que padeça, para que vós sejais livre!

– Ai, Santa Maria! – disse Elisena – E como consentirei eu em matar aquilo que foi engendrado pela cousa do mundo que mais amo?

– Não cureis disso, – disse a donzela – que se vos matarem não o deixarão a ele.

– Ainda que eu como culpada morra, – disse ela – não hão-de querer que a criatura inocente padeça.

– Deixemos agora de falar mais disso – disse a donzela –, que grande loucura seria que, para salvar uma cousa sem proveito, vos condenássemos a vós e ao vosso amado, que sem vós não poderia viver; e vivendo vós e ele, outros filhos tereis que o desejo deste vos fará perder.

¹ Ou seja, explicar (*soltar* os sonhos era a expressão típica medieval).

Como esta donzela fosse mui sisuda¹ e guiada pela mercê de Deus, quis dar remédio ao apuro. E foi desta guisa: arranjou quatro tábuas tão grandes que, como uma arca, pudessem encerrar uma criatura com os seus panos, e tão comprida como uma espada; e fez trazer certas coisas para fazer um betume com que as pudesse juntar, sem que nela água alguma entrasse; e guardou tudo debaixo da sua cama sem que Elisena desse conta, até que, com as suas próprias mãos, juntou as tábuas com aquele fraco betume e fez uma arca tão perfeita e tão bem formada como se a tivesse feito um mestre; então a mostrou a Elisena e disse:

– Para que vos parece que isto foi feito?

– Não sei – respondeu ela.

– Sabê-lo-eis – disse a donzela – quando for mister.

Ela disse:

– Pouco daria por saber cousa que se faça ou diga, que perto estou de perder o meu bem e alegria.

A donzela teve grande dó de a ver assim e, vindo-lhe as lágrimas aos olhos, saiu da sua frente para que não a visse chorar. Pois não tardou muito que a Elisena chegasse o tempo de parir e sentindo as dores como cousa tão nova, tão estranha para ela, em grande amargura foi o seu coração posto, como aquela a quem convinha não se poder queixar nem gemer, o que dobrava a sua angústia; mas ao fim de certo tempo quis o Senhor poderoso que sem perigo seu parisse um filho; e tomando-lho a donzela nas mãos viu que era formoso, se ventura tivesse; mas não tardou em pôr em execução o que convinha, tal como antes o pensara, e envolveu-o em mui ricos panos e pô-lo perto da sua mãe e trouxe ali a arca de que já ouvistes; e disse-lhe Elisena:

– Que quereis fazer?

– Pô-lo aqui e lançá-lo ao rio – disse ela –, e porventura guarecer² poderá.

A mãe tinha-o nos seus braços chorando feramente e dizendo:

– Meu filho pequeno, quão grave me é a vossa coita!

A donzela tomou tinta e pergaminho e fez uma carta que dizia: “Este é Amadis sem Tempo, filho de rei”. E dizia ela sem tempo porque pensava que logo seria morto, e este nome era ali muito prezado porque assim se chamava um santo a quem a donzela o encomendou. Esta carta cobriu toda de cera e, posta numa corda, pô-la ao pescoço do menino. Elisena tinha o anel que o rei Periom lhe dera quando dela se partiu, e meteu-o

¹ Sensata, sabedora.

² Salvar-se, sobreviver.

na mesma corda de cera; e pondo o menino dentro da arca, puseram-lhe a espada do rei Periom, a que ele tinha deixado no chão na primeira noite que ela com ele dormira, como ouvistes, e que tinha sido guardada pela donzela, e pela qual o rei, mesmo não a encontrando, não tinha ousado perguntar, para que o rei Garinter não ficasse anojado com aqueles que entravam na câmara.

Isto assim feito, pôs a tábua de cima tão junta e bem calafetada que nem água nem outra cousa ali poderia entrar; e tomando-a nos seus braços e abrindo a porta, pô-la no rio e deixou-a ir; e como a água era grande e brava, pronto a passou ao mar, que não distava dali mais de meia légua. Nesta sazom aparecia a alva e aconteceu uma formosa maravilha, daquelas que o Senhor mui alto, quando Lhe praz, costuma fazer: que no mar ia uma barca em que um cavaleiro de Escócia ia com sua mulher, que da Pequena Bretanha levava, parida de um filho que se chamava Gandalim; e o cavaleiro tinha por nome Gandales; e indo a mais andar sua via contra Escócia, sendo já manhã clara, viram a arca que ia nadando por cima da água; e chamando quatro marinheiros mandou-lhes que pronto baixassem um batel e lhe trouxessem aquilo, o que prontamente foi feito, como quer que a arca já mui longe da barca houvesse passado. O cavaleiro tomou a arca, tirou a cobertura e viu o donzel, que em seus braços tomou; e disse:

– Este de algum bom lugar é.

E dizia isto pelos ricos panos e o anel e a espada, que mui formosa lhe pareceu; e começou a maldizer a mulher que por medo tão cruelmente havia desamparado tal criatura; e guardando todas aquelas cousas rogou a sua mulher que o fizesse criar, a qual lhe fez dar a teta daquela ama que a Gadalim, seu filho, criava; e ele tomou-a com gram vontade de mamar, coisa de que o cavaleiro e a dona muito se alegraram. E assim seguiram pelo mar com bom tempo propício, até que aportaram a uma vila de Escócia, que tinha nome Antália, e dali partindo, chegaram a um seu castelo, dos bons daquela terra, onde fez criar o donzel como se fosse seu próprio filho, e assim o criam todos que fosse, que dos marinheiros não se pôde saber sua fazenda, porque na barca, que era sua, a outras partes navegaram.

CAPÍTULO II

Como o rei Periom ia pelo caminho com seu escudeiro, com o coração mais acompanhado de tristeza do que de alegria.

Partido o rei Periom da Pequena Bretanha, como já vos foi contado, de muita angústia era o seu ânimo muito atormentado, tanto pela grande saudade que sentia da sua amiga, que muito de coração amava, como pelo sonho que já ouvistes, que em tal sazom lhe tinha acontecido. E assim, chegado ao seu reino, enviou chamar todos os seus ricos-homens e mandou aos bispos que consigo trouxessem os clérigos mais sabedores que havia nas suas terras, isto para que o sonho explicassem.

Como os seus vassallos tivessem sabido da sua vinda, tanto os chamados como muitos outros a ele vieram, com grande desejo de o ver, que de todos era mui amado, e muitas vezes eram os seus corações atormentados ouvindo os grandes confrontos de armas em que ele se metia, temendo de o perder, e por isso todos o desejavam ter consigo; mas não o conseguiam, que o seu forte coração não era contente senão quando o corpo punha em grandes perigos. O Rei falou com eles do estado do reino e nas outras coisas que cumpriam a sua fazenda, mas sempre com triste semblante, o que a eles fazia grande pesar; e despachados os negócios, mandou que volvessem a suas terras, e fez ficar consigo três clérigos que soube que mais sabiam daquilo que ele desejava; e tomando-os consigo, foi-se à sua capela, e ali, ante a hóstia consagrada, os fez jurar que em tudo o que lhes perguntasse diriam a verdade, não temendo nenhuma cousa, por grave que se lhes apresentasse. Isto feito, mandou sair fora o capelão e ficou sozinho com eles. Então lhes contou o sonho já relatado e pediu-lhes que lhe explicassem o que dele lhe poderia acontecer. Um destes, que Ungão, o Picardo, se chamava, e que era o que mais sabia, disse:

– Senhor, os sonhos são cousas vãs, e por tal devem ser tidos; mas pois vos praz que em algo este vosso seja tido, dai-nos um prazo para que o possamos ver.

– Assim seja – disse o Rei –, e tomai doze dias para isso.

E mandou-os separar, que não se falassem nem vissem naquele prazo. E eles deitaram os seus juízos e firmezas, cada um como melhor soube, e chegado o tempo vieram para o Rei, o qual tomou à parte Alberto de Campanha e disse-lhe:

– Já sabeis o que me jurastes; agora dizei.

– Pois venham os outros – disse o clérigo –, e diante deles o direi.

– Venham – disse o Rei.

E fê-los chamar. E sendo todos juntos, disse o primeiro:

– Senhor, eu te direi o que entendo. A mim parece-me da câmara estar bem fechada e teres visto entrar pela porta mais pequena que significa estar este teu reino

fechado e guardado que por parte alguma dele te entrará alguém para te tomar algo; e assim como a mão te metia pelos costados e sacava o coração e o deitava ao rio, assim te tomará vila ou castelo e o porá em poder de quem não o poderás recuperar.

– E o outro coração – disse o Rei – que me dizia que me ficava e mo faria perder sem seu grado?

– Isso – disse o mestre – parece que outro entrará em tua terra para te tomar outro tanto, mais constrangido por força de alguém que lho mande que de sua vontade; e neste caso não sei, senhor, que mais vos diga.

O Rei mandou ao outro, que Antales se chamava, que dissesse o que achava. E ele outorgou em tudo o que o outro havia dito:

– Salvo que as minhas sortes me mostram que já foi feito, e por aquele que mais te ama; e isto me faz maravilhar, porque agora mesmo nada foi perdido do teu reino, e se o fora não seria por pessoa que muito te amasse.

Ouvindo isto, o Rei sorriu um pouco porque lhe pareceu que pouco tinha dito. Mas Ungão, o Picardo, que muito mais que eles sabia, baixou a cabeça e riu-se mais de coração, ainda que poucas vezes o fizesse, que era homem esquivo e triste de seu natural. O Rei observou-o e disse-lhe:

– Agora, mestre, dizei o que souberes.

– Senhor – disse ele –, porventura eu vi cousas que não é mister de as manifestar senão a ti.

– Pois saiam todos fora – disse ele. E fechando as portas ficaram só os dois. O mestre disse:

– Sabe, Rei, que do que eu me ria foi daquelas palavras que em pouco tiveste, dizendo que já era feito por aquele que mais te ama. Agora te quero dizer aquilo que mui encoberto tens e pensas que ninguém sabe. Tu amas num lugar onde já a vontade cumpriste, e a que amas é maravilhosamente formosa.

E disse-lhe todos os seus modos como se diante de si a tivera.

– E da câmara em que vos vísis fechado isto claramente o sabeis, e como ela, querendo tirar do vosso coração e do seu aquelas coitas e angústias, quis, sem o teu conhecimento, entrar pela porta de que não te precatavas; e as mãos que nos costados metia é o ajuntamento de ambos, e o coração que sacava significa filho ou filha que haverá de vós.

– Pois, mestre – disse o Rei –, que significa que o deitava num rio?

– Isso, senhor – disse ele –, não o queiras saber, que não te tem nenhuma prol.

– Dizei-mo todavia – disse ele –, e não temeis.

– Pois que assim te praz – disse Ungão –, quero de ti fiança que por cousa que aqui diga não terás sanha daquela que tanto te ama, em nenhuma sazom.

– Eu o prometo – disse o Rei.

– Pois sabe – disse ele – que o que no rio vias lançar é que assim será lançado o filho que de vós tiver.

– E o outro coração que me fica – disse o Rei –, o que será?

– Bem debes entender – disse o mestre – um pelo outro: que é que tereis outro filho e de alguma maneira o perdereis, contra a vontade daquela que agora vos fará o primeiro perder.

– Grandes cousas me haveis dito – disse o Rei – e praza a Deus, por sua mercê, que isso dos filhos não saia tão verdadeiro como aquilo que disseste da dona que eu amo.

– As cousas ordenadas e permitidas por Deus – disse o mestre – ninguém as pode estorvar nem saber em que pararão; e por isso os homens não se devem entristecer nem alegar com elas, porque muitas vezes tanto o mal como o bem que a seu parecer delas podem ocorrer, pode suceder de forma diferente do que esperavam. E tu, nobre Rei, perdendo da tua memória tudo isto que aqui com tanto empenho quiseste saber, recolhe nela de sempre rogar a Deus que nisto e em todo o al faça o que seja em seu santo serviço, porque isso sem dúvida é o melhor.

O rei Periom ficou mui satisfeito do que desejava saber, e muito mais deste conselho de Ungão, o Picardo, e sempre perto de si o teve, fazendo-lhe muito bem e mercês. E saindo do paço encontrou uma donzela mais guarnecida de atavios que formosa que lhe disse:

– Sabede, rei Periom, que quando a tua perda cobrares, perderá o senhorio da Irlanda a sua flor.

E foi-se, que a não pôde deter. Assim ficou o Rei pensando nisto e noutras cousas.

O autor deixa de falar disto e torna ao donzel que Gandales criava, o qual Donzel do Mar se chamava, que assim lhe puseram o nome; e criava-se com muito cuidado daquele cavaleiro D. Gandales e de sua mulher, e fazia-se tão formoso que todos os que o viam se maravilhavam.

E um dia Gandales cavalgou, todo armado, que em grande maneira era bom

cavaleiro e mui esforçado e sempre acompanhara el-rei Languines da Escócia, no tempo em que as armas seguiam; e ainda que el-rei deixasse de as seguir, não o fez ele assim, antes as usava muito. E indo assim armado como vos digo, encontrou uma donzela, que lhe disse:

– Ai, Gandales, se soubessem muitos altos homens o que eu sei agora, cortar-te-iam a cabeça!

– Porquê? – disse ele.

– Porque tu guardas a morte deles – respondeu ela.

E sabeis que esta era a donzela que tinha dito ao rei Periom que quando fosse a sua perda recobrada perderia o senhorio de Irlanda a sua flor. Gandales, que a não entendia perguntou-lhe:

– Por Deus, donzela, rogo-vos que me digais que é isso.

– Não to direi – disse ela –, mas todavia assim acontecerá

E partindo dele, foi sua via. Gandales ficou cuidando no que lhe dissera e, ao cabo de um momento, viu-a tornar mui asinha no seu palafrém, clamando em altas vozes:

– Ai, Gandales! Socorre-me que morta sou!

E olhou e viu vir após ela um cavaleiro armado com a espada na mão; e Gandales deu de esporas ao cavalo, meteu-se entre ambos e disse:

– Dom cavaleiro, a quem Deus dê má ventura, que quereis da donzela?

– Como! – disse ele – Quereis vós amparar a esta, que com engano me traz perdido o corpo e a alma?

– Disso não sei nada – tornou Gandales – mas ampará-la-ei de vós eu, porque mulheres não devem ser por esta via castigadas, ainda que o mereçam.

– Agora o vereis! – disse o cavaleiro.

E, metendo a espada na bainha, foi-se a um arvoredado, onde estava uma donzela mui formosa que lhe deu um escudo e uma lança, e deitou-se a correr contra Gandales, e Gandales a ele, e feriram-se com as lanças nos escudos, de tal modo que voaram em pedaços; e juntaram-se então dos cavalos e dos corpos tão bravamente que caíram ambos e os cavalos com eles; e cada um se levantou o mais prestes que pôde e houveram sua batalha assim a pé; mas não durou muito, porque a donzela que fugia se meteu entre eles, e disse:

– Cavaleiros, aquietai-vos!

O cavaleiro que viera após ela pôs-se logo fora do combate. E ela disse-lhe:

– Vinde à minha obediência!

– Irei de bom grado – disse ele –, como à cousa do mundo que mais amo.

E, tirando o escudo do colo e a espada da mão, fincou os joelhos ante ela; e Gandales foi disso mui maravilhado. E ela disse ao cavaleiro que ante si tinha:

– Dizei àquela donzela que está sob a árvore que se vá embora e já; senão que me talhareis a cabeça.

O cavaleiro tornou-se para ela e disse-lhe:

– Ai, malvada! Espantado estou de te não cortar a cabeça!

A donzela viu que o seu amigo estava encantado e montou no seu palafrém, chorando, e foi-se logo dali. A outra donzela disse:

– Gandales, agradeço-vos o que fizestes. Ide-vos em boa hora, que, se este cavaleiro errou contra mim, eu o perdoo.

– De vosso perdão não sei – disse Gandales –, mas não lhe quito a batalha se não se outorga por vencido.

– Quitareis, sim – disse a donzela – porque, ainda que fôsseis o melhor cavaleiro do mundo, eu faria que ele vos vencesse.

– Vós fareis o que puderdes – disse ele –, mas eu não o quitarei, se me não dizeis porque dissestes que guardava a morte de muitos altos homens.

– Antes to direi – disse ela –, porque a este cavaleiro amo eu como a meu amigo e a ti como meu ajudador.

Então o apartou e disse-lhe:

– Tu me farás preito, como leal cavaleiro, que outro por ti não o saberá, até que to eu mande.

Ele assim o outorgou e ela disse-lhe:

– Digo-te daquele que achaste no mar que será a flor dos cavaleiros do seu tempo; ele fará estremecer os fortes; ele começará todas as coisas e acabará com honra todas as em que os outros fraquejaram; ele fará tais cousas que ninguém cuidaria que pudessem ser começados e acabados por corpo de homem; ele fará que os soberbos sejam mansos; ele terá crueza de coração contra aqueles que a merecerem; e ainda mais te digo: ele será o cavaleiro que no mundo mais lealmente manterá o amor, e amará em tal lugar qual convém à sua alta proeza; e sabe que de ambas as partes vem de reis. Agora vai-te – disse a donzela –, e crê firmemente que tudo acontecerá como te digo; e se revelares isto, receberás por esse motivo mais mal do que bem.

– Ai, senhora! – disse Gandales – rogo-vos por Deus que me digais onde vos

encontrarei para falar convosco sobre a sua fazenda.

– Isso não o saberás tu, nem por mim nem por outrem.

– Então disse-me o vosso nome, pela fé que deveis à cousa do mundo que mais amais.

– Tu me conjuras tanto que eu to direi; mas a cousa que eu mais amo, sei que mais me desama mais no mundo: é esse mui formoso cavaleiro com quem combateste. Mas não deixo por isso de o trazer à minha vontade, sem que ele outra cousa possa fazer. E sabe que o meu nome é Urganda, a Desconhecida; e agora olha-me bem e vê se me reconheces.

E ele que a tinha visto donzela, que a seu parecer não passaria dos seus dezoito anos, viu-a tão velha e tão quebrantada que se espantou de como se podia ter em cima do seu palafém. E começou a benzer-se daquela maravilha. Quando ela assim o viu, meteu mão a uma boceta que trazia no regaço; e pondo a mão por si, tornou à sua primeira forma, e disse:

– Parece-te que me acharias, ainda que me buscasses? Pois digo-te que não te dês a esse trabalho: que ainda que toda a gente do mundo me demandasse, não me achariam, se eu não quisesse.

– Assim Deus me salve, senhora – disse Gandales – eu assim o creio; mas rogo-vos por Deus que vos lembreis do donzel, que de todos é desamparado, a não ser de mim.

– Não penses nisso – disse Urganda – que esse desamparado será amparo e reparo de muitos. E eu amo-o mais de que tu pensas e espero receber dele em breve duas ajudas, em que outro não poderia pôr remédio; e ele receberá dois galardões, com que será muito alegre. E agora encomendo-te a Deus, que ir-me quero; e mais asinha me verás do que pensas.

E tomou o elmo e o escudo do seu amigo para lho levar. E a Gandales, que a cabeça lhe viu desarmada, pareceu-lhe o mais formoso cavaleiro que jamais vira. E assim se partiram um com o outro.

Onde deixaremos Urganda ir como seu amigo e contar-se-á de D. Gandales, que, partindo de Urganda, se tornou para seu castelo; e no caminho encontrou a donzela que andava com o amigo de Urganda, que estava chorando junto de uma fonte. Assim que viu Gandales, reconheceu-o e disse-lhe:

– Que é isso, cavaleiro? Como não vos fez matar aquela aleivosa a quem destes ajuda?

– Aleivosa não é ela – respondeu Gandales – mas boa e sabedora; e se fôsseis cavaleiro, eu vos faria pagar bem essa loucura que dissestes.

– Ai, mesquinha de mim! – disse ela – Como sabe a todos enganar!

– E que engano vos fez? – perguntou Gandales.

– Tomou-me aquele formoso cavaleiro que vistes, que, de seu grado, mais comigo faria vida que com ela.

– Esse engano assim fez – disse ele –, pois que fora de razão e de consciência vós e ela o tendes, segundo me parece.

– Como quer que seja, se puder, vingar-me-ei.

– Desvario pensais – disse Gandales – em querer anojá aquela que, não só antes que o obreis, mas que o penseis, o saberá.

– Agora ide-vos – disse ela –; que muitas vezes os que mais sabem caem nos laços mais perigosos.

Gandales deixou-a e foi, como de antes, seu caminho, cuidando na vida do seu donzel. E chegando ao Castelo, antes de se desarmar, tomou-o nos braços e começou-o a beijar, com lágrimas nos olhos, dizendo em seu coração:

– Meu formoso filho, queira Deus que eu chegue ao vosso bom tempo!

A este tempo tinha o donzel três anos, e sua grande formosura era tida por maravilha. E como viu seu amo chorar, pôs-lhe as mãos ante os olhos, como a querer-lhos limpar, o que muito alegrou Gandales, considerando que, crescendo mais em idade, mais se doeria da sua tristeza; e pô-lo no chão e foi-se desarmar; e daí em diante, com mais vontade curava dele; e tanto que chegou aos cinco anos, fez-lhe um arco à sua medida e outro ao seu filho Gandalim, e fazia-os atirar ante si; e assim o foi educando até à idade de sete anos.

Pois nesta ocasião el-rei Languines, passando pelo seu reino com sua mulher e toda a sua casa de uma vila à outra, chegou ao castelo de Gandales, que ficava em caminho, onde foi muito festejado. Mas ao seu Donzel do Mar, a seu filho Gandalim e a outros donzés mandou-os meter em um pátio para que o não vissem. E a rainha, que estava aposentada no mais alto da casa, olhando de uma janela, viu os donzés atirando, com seus arcos, e entre eles o Donzel do Mar, tão gentil e tão formoso que muito foi maravilhada de o ver; e como o viu mais bem vestido que todos, parecia ele o senhor. E como não viu ali ninguém da companhia de Gandales a quem perguntasse, chamou suas donas e donzelas e disse-lhes:

– Vinde e vereis a mais formosa criatura que jamais foi vista!

Pois estando todas a olhá-lo como cousa mui estranha e subida em formosura, o Donzel teve sede e, pondo o seu arco e setas por terra, foi a um cano de água para beber. E um donzel maior que os outros tomou-lhe o arco e quis atirar com ele; mas Gandalim não o consentiu e o outro empurrou-o rudemente. Gandalim disse:

– Socorrei-me, Donzel do Mar!

E ouvindo-o, deixou de beber e foi-se contra o gram donzel, e ele lhe largou o arco; e tomou-o na mão e disse:

– Em má hora maltrataste o meu irmão!

E deu-lhe com ele por cima da cabeça um grande golpe, segundo sua força e pegaram-se ambos. Assim que o gram donzel, maltratado, começou a fugir e encontrou o aio que os guardava, que lhe perguntou:

– Que tens tu?

– Foi o Donzel do Mar – disse – que me feriu.

Então foi-se para ele com uma correia e disse:

– Como, Donzel do Mar? Já sois tão ousado que maltratais os moços? Agora vereis como vos castigarei por isso.

Ele pôs-se de joelhos ante ele e disse:

– Senhor, mais quero que me maltrateis que ver diante de mim ninguém tão ousado que faça mal a meu irmão.

E vieram-lhe as lágrimas aos olhos. O aio condoeu-se e disse-lhe:

– Se outra vez o fazeis, eu vos farei bem chorar.

A rainha viu bem tudo isto e maravilhou-se por lhe chamarem Donzel do Mar.

CAPÍTULO III

Como el-rei Languines levou consigo o Donzel do Mar e Gandalim, filho de D. Gandales

Assim estando, entrou el-rei e Gandales; e disse a rainha:

– Dizei, D. Gandales, é vosso filho aquele formoso donzel?

– Sim, senhora – disse ele.

– Pois por que o chamais Donzel do Mar?

– Porque no mar nasceu – disse Gandales –, quando eu da Pequena Bretanha vinha.

– Por Deus, pouco se parece convosco – disse a rainha.

Isto dizia ela por ser o donzel formoso à maravilha, e D. Gandales tinha mais de bondade que de formosura. El-rei, que o donzel olhava e mui formoso lhe pareceu, disse:

– Fazei-o vir aqui, Gandales, que eu o quero criar.

– Senhor – disse ele – fá-lo-ei, mas ainda não está na idade de se separar de sua mãe.

Então foi por ele e trouxe-o e disse-lhe:

– Donzel do Mar, quereis ir com el-rei meu senhor?

– Eu irei onde me vós mandardes – disse ele – mas irá meu irmão comigo.

– Nem eu ficarei sem ele – disse Gandalim.

– Creio, senhor – disse Gandales – que os tereis de levar a ambos, que se não querem separar.

– Muito me apraz – disse el-rei.

Então o tomou junto de si e mandou chamar seu filho Agrajes, e disse-lhe:

– Filho, estes donzés ama tu muito, que muito amo eu seu pai.

Quando Gandales isto viu, que punham o Donzel do Mar na obediência de outro que não valia tanto como ele, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, e disse para si:

– Filho formoso, que de pequeno começaste a andar em aventuras e perigos, e agora te vejo ao serviço dos que a ti poderiam servir, Deus te guarde e guie naquelas cousas de Seu serviço e de tua grande honra, e faça verdadeiras as palavras que a sábia Urganda de ti me disse, e a mim deixe chegar ao tempo das tuas grandes maravilhas, que em armas te são prometidas.

O rei, que lhe viu os olhos cheios de água, disse:

– Nunca pensei que éreis tão louco!

– Não o sou tanto quanto o cuidais – disse ele –, mas se vos prouguer, ouvi-me um pouco ante a rainha.

Então mandaram afastar todos, e Gandales disse:

– Senhores, sabeis a verdade sobre este donzel que levais e que eu encontrei no mar.

E então contou-lhes de que maneira; e também teria dito o que de Urganda soube, se não fora o preito que tinha feito.

– Agora fazei com ele o que deveis, porque, assim Deus me salve, pelo aparato que trazia consigo, eu creio que é de mui alta linhagem.

Muito agradou ao rei sabê-lo, e preçou o cavaleiro que tão bem o guardara; e disse a D. Gandales:

– Pois que Deus tanto cuidado teve em guardá-lo, razão é que tenhamos nós o mesmo a criá-lo e a fazer-lhe bem quando chegar o tempo.

A rainha disse:

– Eu quero que ele seja meu, se vos prouguer, até porque está na idade de servir mulheres; e depois vosso será.

E o rei outorgou-lho.

No outro dia de manhã partiram-se dali, levando os donzéis consigo e seguiram o seu caminho. Mas digo-vos que a rainha fazia criar o Donzel do Mar com tanto cuidado e honra como se fosse seu próprio filho. Mas o cuidado que com ele tomava não era vão, porque o seu engenho era tal, e a condição tão nobre, que muito melhor que qualquer outro e mais prestes aprendia todas as cousas. E amava tanto caça e a montaria que, se o deixassem, nunca disso se apartaria, atirando com o seu arco e cevando os cães. A rainha era tão agradada de como ele servia que não o deixava afastar da sua presença.

O autor aqui torna a contar do rei Periom e de sua amiga Elisena. Como já ouvistes, Periom estava no seu reino depois de ter falado com os clérigos que o sonho lhe explicaram; e muitas vezes pensou nas palavras que a donzela lhe dissera mas não as podia entender. Pois passando alguns dias, estando no seu paço, entrou uma donzela pela porta e deu-lhe uma carta da sua amiga Elisena, na qual lhe fazia saber que o rei Garinter, seu pai, tinha morrido, e ela estava desamparada; e que tivesse piedade dela, porque a Rainha da Escócia, sua irmã, e o Rei, seu marido, lhe queriam tomar a terra. O rei Periom, como quer que da morte do rei Garinter muito lhe pesasse, alegrou-se em pensar ir ver a sua amiga, da qual nunca perdia desejo, e disse à donzela:

– Ide-vos e dizei a vossa senhora que sem me deter um só dia logo serei com ela.

A donzela foi-se muito alegre. O Rei, preparando a gente que era necessária, partiu logo a caminho de onde Elisena estava. E tão bem andou as suas jornadas que chegou à Pequena Bretanha, onde encontrou novas que Languines havia todo o senhorio da terra, salvo aquelas vilas que a Elisena o seu pai deixara; e sabendo que ela estava numa vila que Acarte se chamava, foi-se para lá; e se foi bem recebido nem se pode contar, e ela igualmente por ele, que muito se amavam. O Rei disse-lhe que

fizesse chamar todos os seus amigos e parentes porque a queria tomar por mulher. Elisena assim fez, com grande prazer, porque naquilo consistia todo o fim dos seus desejos.

Sabida pelo rei Languines a vinda do rei Periom, e a sua vontade de casar com Elisena, mandou chamar todos os homens-bons da terra e, levando-os consigo, foi ter com ele. Tendo-se ambos saudado e recebido com cortesia, e uma vez as bodas e festas celebradas, resolveram os reis voltar para os seus reinos. E caminhando o rei Periom com sua mulher Elisena, passando perto de uma ribeira onde aposentar queriam, o rei foi-se sozinho pela margem da ribeira, pensando em como poderia fazer Elisena contar aquilo do filho que os clérigos lhe tinham dito quando lhe tinham explicado o sonho; e tanto andou pensando nisto que chegou a uma ermida onde, amarrando o cavalo a uma árvore, entrou a fazer oração; e viu dentro dela um homem velho vestido com hábitos de monge que lhe disse:

– É verdade que o rei Periom está casado com a filha do Rei nosso senhor?

– Verdade é – disse ele.

– Muito me praz – disse o bom homem –, que eu mui certo sei que dela muito amado é, de todo o coração.

– E como o sabeis vós? – disse ele.

– Da sua boca – disse o bom homem.

O Rei, pensando poder saber o que desejava, fez-se conhecer e disse:

– Rogo-vos que me digais o que dela sabeis.

– Grande erro faria – disse o bom homem –, e vós me teríeis por herege se aquilo que em confissão me disse eu o revelasse; basta o que vos digo, que vos ama de amor verdadeiro e leal; mas quero que saibais o que uma donzela, ao tempo em que chegaste a esta terra, me disse, e que me pareceu mui sábia e não o pude entender: que da Pequena Bretanha saíam dois dragões que teriam o seu senhorio em Gaula e os seus corações na Grã Bretanha, e dali saíam a comer as bestas das outras terras, e que contra umas seriam mui bravos e ferozes, e contra outras mansos e humildes, como se nem unhas nem corações tivessem; e eu fiquei mui maravilhado de o ouvir, mas não porque saiba a razão disto.

O rei maravilhou-se, e embora na altura não o entendesse, veio um tempo em que claramente percebeu ser assim verdade. E assim se despediu o rei Periom do ermitão, e voltou às tendas em que tinha deixado a sua mulher e companhia, onde aquela noite com grande contentamento ficou. Estando no seu leito em grande prazer,

disse à Rainha o que os mestres tinham declarado do seu sonho e que lhe rogava que lhe dissesse se tinha parido algum filho. A Rainha, ouvindo isto, teve tão grande vergonha que quisera a sua morte, e negou-lho, dizendo que nunca parira. E assim daquela vez o Rei não pôde saber o que queria. No outro dia partiram dali e andaram as suas jornadas até que chegaram ao reino de Gaula; e a todos os da terra agradou a Rainha, que era uma mui nobre dona, e ali folgou o Rei mais do que soía, e teve dela um filho e uma filha; ao filho chamaram Galaor e à filha Melícia. Quando o menino teve dois anos e meio aconteceu que o rei seu pai estava numa vila perto do mar, que havia nome Bangil, e estando ele a uma janela sobre uma horta e a Rainha nela folgando com as suas donas e donzelas, tendo o menino, que já começava a andar, perto de si, viram entrar por um postigo que dava para o mar um gigante com uma mui grande maça na mão, e era tão grande e disforme que não havia homem que o visse que dele não ficasse espantado; e assim o ficaram a Rainha e sua companha, que umas fugiam por entre as árvores e outras se deixavam cair em terra tapando os olhos para não o ver. Mas o gigante dirigiu-se contra menino, que desamparado e só se viu, e chegando a ele estendeu o menino os braços rindo; e ele tomou-o entre os seus dizendo:

– Verdade me disse a donzela.

E tornou-se por donde viera, e entrando numa barca foi-se pelo mar.

A Rainha, que o viu ir e que o menino lhe levava, deu grandes gritos, mas pouco lhe aproveitou; mas a sua dor e de todos foi tão grande que como quer que o rei muito lhe pesasse não ter podido acorrer a seu filho, vendo que remédio não havia, desceu à horta para remediar à Rainha, que se estava matando porque lhe vinha à memória o outro filho que ao mar tinha lançado; e agora que com este pensava remediar a sua grande tristeza, vê-lo perdido em tal acidente, não tendo esperança de jamais o cobrar, fazia-lhe a maior raiva do mundo. Mas o rei levou-a consigo e fê-la recolher à sua câmara e quando a viu mais sossegada disse-lhe:

– Dona, agora reconheço ser verdade o que os clérigos me disseram, que este era o último coração; e dissei-me a verdade que, pela altura em que foi, não deveis de ser culpada.

A Rainha, ainda que com grande vergonha, contou-lhe tudo o que tinha acontecido com o primeiro filho, de como o deitara ao mar.

– Não tenhais aflição – disse o Rei –, pois que Deus quis que destes dois filhos pouco gozásemos, eu espero n’Ele que tempo virá em que por alguma boa ventura algo deles saberemos.

Este gigante que o donzel levou era natural de Leonis, e tinha dois castelos numa ilha, e chamava-se ele Gandalás, e não era tão fazedor de mal como os outros gigantes; antes era de bom talante, até que era sanhudo e então fazia grandes cruezas. E foi-se com o menino até ao cabo da ilha onde havia um ermitão, bom homem de santa vida. E o gigante que tinha povoado aquela ilha de cristãos, mandava-lhe dar esmola para seu mantimento; e disse:

– Amigo, este menino vos dou para que o criéis e o ensineis com tudo o que convém a um cavaleiro; e digo-vos que é filho de rei e de rainha; e proíbo-vos de jamais ser contra ele.

O homem bom disse:

– Diz, por que fizeste esta crueza tão grande?

– Isso te direi eu – disse ele –. Sabei que querendo eu entrar numa barca para ir combater Albadam, o gigante bravo que matou meu pai e me tem tomada por força a Pena de Galtares, que é minha, encontrei uma donzela que me disse: “Isso que tu queres se há-de acabar pelo filho do rei Periom de Gaula, que terá muita força e ligeireza, mais que tu”. E eu perguntei-lhe se dizia verdade. “Isso verás tu, disse ela, no tempo em que os dois ramos de uma árvore se juntarem, que agora são partidos”

Desta maneira ficou o donzel chamado Galaor em poder do ermitão e do que lhe aconteceu adiante se contará.

Neste tempo em que estas coisas se passavam, como acima ouvistes, reinava na Grã Bretanha um rei chamado Falangriz, o qual, morrendo sem herdeiro, deixou um irmão de grande bondade de armas e muita discrição, o qual Lisuarte se chamava, que com a filha do rei da Dinamarca, que se chamava Brisena, recentemente casado era, e que era a mais formosa donzela que em todas as ilhas do mar se podia encontrar. E como quer que fosse demandada por muitos altos príncipes, e seu pai, com temor dos outros, não a ousasse dar a nenhum deles, vendo ela este Lisuarte, e sabendo as suas boas maneiras e grande valentia, a todos desdenhando, com ele se casou, que por amores a servia. Morto este rei Falagriz, os altos homens da Grã Bretanha, sabendo dos feitos de armas que este Lisuarte havia feito, e da sua alta proeza de tão grande casamento haver alcançado, embarcaram por ele, para que o reino tomasse.

CAPÍTULO IV

Como o rei Lisuarte navegou pelo mar e aportou no reino de Escócia onde com muita honra foi recebido.

Ouvida a embaixada pelo rei Lisuarte, e ajudado pelo seu sogro, fez-se ao mar com grande frota, e navegando, aportou no reino de Escócia, onde foi recebido com muita honra pelo rei Languines. Este Lisuarte trazia consigo Brisena, sua mulher, e uma filha que dela tinha tido quando na Dinamarca morava, que Oriana se chamava, de cerca de dez anos, a mais formosa criatura que jamais se viu, tanto que foi a que “sem par” se chamou, porque no seu tempo nenhuma houve que lhe fosse igual; e porque andava cansada do mar, decidiu deixá-la ali, rogando ao rei Languines e à rainha que lhe guardassem. Eles ficaram muito alegres com isto, e a Rainha disse:

– Crede que eu a guardarei como sua mãe o faria.

E seguindo Lisuarte velozmente com suas naus, chegou à Grã Bretanha, onde encontrou alguns que o estorvaram, como costuma acontecer em tais casos e por este motivo não se lembrou da sua filha por algum tempo; e foi rei com grande trabalho que aí gastou, o melhor rei que ali houve, e que melhor manteve a cavalaria nos seus direitos até reinar o rei Artur, que passou em bondade a todos os outros reis que antes dele foram, ainda que muitos tivessem reinado entre um e outro.

O autor deixa Lisuarte a reinar com muita paz e sossego na Grã Bretanha e torna ao Donzel do Mar, que neste tempo tinha doze anos e que, pela sua grandeza e membros, parecia ter quinze. Servia ele ante a Rainha, e tanto dela como de todas as donas e donzelas era muito amado; mas desde que ali foi Oriana, a filha do rei Lisuarte, deu-lhe a Rainha o Donzel de Mar para que a servisse, dizendo:

– Amiga, este é um donzel que vos servirá.

Ela disse que lhe prazia. E o Donzel ficou com esta palavra no seu coração de tal guisa que depois nunca da memória a afastou, que sem falta, assim como o diz esta história, nos dias da sua vida não se cansou de a servir e a ela outorgou sempre o seu coração, e este amor durou quanto eles duraram, que assim como ele a amava, assim ela o amava a ele, em tal guisa que nem uma hora deixaram de se amar. Mas o Donzel do Mar que não conhecia nem sabia como o ela amava, tinha-se por muito ousado em ter posto nela o seu pensamento pela grandeza e formosura suas, sem cuidar de ser ousado em dizer-lhe uma só palavra; e ela, que o amava de coração, guardava-se de falar com ele mais do que com outro, para que nada suspeitassem. Mas os olhos tinham

grande prazer em mostrar ao coração a cousa do mundo que mais amavam. Assim viviam encobertamente sem que de sua fazenda nenhuma cousa um ao outro dissessem.

Pois passando o tempo, como vos digo, entendeu o Donzel do Mar que já poderia tomar armas, se houvesse quem o fizesse cavaleiro; e isto desejava ele considerando que seria tal e faria tais coisas com que morresse ou, vivendo, a sua senhora o prezaria; e com este desejo foi ao Rei, que numa horta estava e, superando a vergonha, disse-lhe:

– Senhor, se vos prouguesse, tempo seria de ser eu cavaleiro.

O Rei disse:

– Como, Donzel do Mar! Já vos esforçais para manter cavalaria? Sabei que é cousa ligeira de haver e grave de manter. E quem este nome de cavalaria quiser ganhar e mantê-lo com honra, tantas e tão graves são as cousas que tem de fazer que muitas vezes o seu coração se fatiga; e se tal cavaleiro é que por medo ou cobardia deixa de fazer o que convém, mais lhe valeria a morte que viver em vergonha, e por isso teria por bem que por mais algum tempo vos sofráis.

O Donzel do Mar disse-lhe:

– Nem por tudo isso deixarei de ser cavaleiro, que se no meu pensamento não tivesse de cumprir isso que haveis dito, não esforçaria o meu coração para o ser. E pois à vossa mercê sou criado, cumpri nisto o que me deveis; senão buscarei outro que o faça.

O Rei, que temeu que assim o fizesse, disse:

– Donzel do Mar, eu sei quando vos será mister que o sejais e mais em vossa honra, e prometo-vos que o farei; e entretanto preparar-se-ão vossas armas e aparelhos. Mas a quem cuidáveis vós ir?

– Ao rei Periom – disse ele – que me dizem que é bom cavaleiro e casado com a irmã da Rainha minha senhora; e fazer-lhe-ei saber como era criado dela, e com isto pensava eu que de bom grado me armaria cavaleiro.

– Sossegai agora – disse o Rei – que quando for tempo honradamente o sereis.

E logo mandou que aparelhassem as cousas necessárias à ordem de cavalaria, e fez saber a Gandales tudo o que lhe acontecera com o seu criado, o que muito alegrou Gandales, que lhe enviou por uma donzela a espada e o anel e a carta envolta na cera tal como encontrara na arca onde o tinha encontrado. E estando um dia a formosa Oriana com outras donas e donzelas folgando no paço enquanto a rainha dormia, estava

ali com elas o Donzel do Mar, que nem ousava olhar para a sua senhora, e dizia entre si:

– Ai, Deus! Por que vos prougue de pôr tanta beleza nesta senhora e em mim tanta coita e dor por causa dela? Em forte ponto os meus olhos a olharam, pois que perdendo o seu lume, com a morte pagarão aquela grã loucura que no coração puseram.

E assim estando, quase sem nenhum sentido, entrou um donzel e disse-lhe:

– Donzel do Mar, ali fora está uma donzela estranha que vos traz doas e vos quer ver.

Ele quis sair ao seu encontro, mas aquela que o amava, quando isto ouviu, estremeceu-lhe o coração, de maneira que se alguém tivesse reparado, bem pudera ver a sua grande alteração; mas não pensavam tal cousa. E ela disse:

– Donzel do Mar, ficai e entre a donzela, e veremos as doas.

Ele ficou quieto e a donzela entrou. E era a que enviava Gandales; e disse:

– Senhor Donzel do Mar, vosso amo Gandales saúda-vos muito, como aquele que vos ama; e envia-vos esta espada e este anel e esta cera, e roga-vos que tragais esta espada enquanto vos durar, por seu amor.

– Ele tomou as doas e pôs o anel e a cera no seu regaço, e começou a desenvolver a espada do pano de linho que a cobria, maravilhando-se como não tinha bainha; e entretanto Oriana tomou a cera, que não cria que nela houvesse qualquer outra cousa, e disse-lhe:

– Isto quero eu destas doas.

A ele prouguera mais que tivesse tomado o anel, que era um dos formosos do mundo. E olhando a espada, entrou o rei, e disse:

– Donzel do Mar, que vos parece dessa espada?

– Senhor, parece-me mui formosa, mas não sei por que está sem bainha.

– Bem há quinze anos – disse o Rei – que não a tem.

E tomando-o pela mão, afastou-se com ele e disse-lhe:

– Vós quereis ser cavaleiro e não sabeis isso se vos pertence por direito, e quero que saibais vossa fazenda como eu o sei.

E contou-lhe como fora encontrado no mar com aquela espada e anel metido na arca, assim como ouvistes. Disse ele:

– Eu creio no que me dizeis, porque aquela donzela disse-me que o meu amo Gandales me enviava esta espada, e eu pensei que errara a sua palavra por não me dizer quem era o meu pai. Mas a mim não pesa de quanto me dizeis, senão por não conhecer

a minha linhagem, nem eles a mim. Mas tenho-me por fidalgo, que o meu coração a isso me esforça. E agora, senhor, convém-me mais do que antes a cavalaria, e ser tal que ganhe honra e prez, como aquele que não sabe de onde vem, e como se todos os da minha linhagem fossem mortos, que por tais os conto, pois me não conhecem, nem eu a eles.

O Rei pensou que seria homem bom e esforçado para todo o bem; e estando nesta falas, veio um cavaleiro que lhe disse:

– Senhor, o rei Periom de Gaula veio a vossa casa.

– Como a minha casa? – disse o Rei.

– No vosso paço está – disse o cavaleiro.

Ele foi-se para lá mui asinha, como aquele que sabia honrar a todos; e como se viram, saudaram-se ambos, e Languines disse-lhe:

– Senhor, a que viestes a esta terra tão inesperadamente?

– Vim a buscar amigos – disse o rei Periom – que os hei mister agora mais do que nunca, que o rei Abiés de Irlanda me guerreia; e está com todo o seu poder na minha terra, e acolhe-se na Deserta e vem com ele Daganel, seu coirmão, e ambos têm tanta gente ajuntada contra mim, que muito me são mister parentes e amigos, tanto por haver na guerra perdido muita gente minha, como por me faltarem outros muitos em que confiava.

Languines disse-lhe:

– Irmão, muito me pesa o vosso mal; e eu vos farei ajuda o melhor que puder.

Agrajes já era cavaleiro, e dobrando os joelhos ante seu pai, disse:

– Senhor, peço-vos um dom.

E ele, que o amava como a si mesmo, disse:

– Filho, pede o que quiseres.

– Peço-vos, senhor, que me outorgueis que eu vá defender a Rainha minha tia.

– Outorgo-to – disse ele – e enviar-te-ei o mais honradamente e o mais aposto que eu puder.

O rei Periom foi disto muito alegre. O Donzel do Mar, que ali estava, olhava muito para o rei Periom, não por pai, que o não sabia, mas pela grande bondade de armas que dele ouvira contar, e mais desejava ser cavaleiro por sua mão que por outro qualquer que no mundo fosse; e pensou que o pedido da Rainha valeria muito para isso; mas encontrando-a muito triste pela perdas da sua irmã, não lhe quis falar, e foi-se onde a sua senhora Oriana estava; e dobrando os joelhos ante ela, disse:

– Senhora Oriana, poderia eu saber por vós a causa da tristeza que a Rainha tem?

Oriana que assim viu ante si aquele que mais que a si mesma amava, sem que ele nem nenhum outro o soubesse, veio-lhe grande sobressalto ao coração, e disse-lhe:

– Ai, Donzel do Mar! Esta é a primeira cousa que me pedistes, e eu a farei de boa vontade.

– Ai, senhora! – disse ele – que eu não sou tão ousado nem digno de a tal senhora alguma cousa pedir, senão de fazer o que por vós me for mandado.

– E como?! – disse ela – tão fraco o vosso coração é que não chega para rogar?

– Tão fraco – disse ele – que em todas as cousas me falta contra vós, senão em vos servir como aquele que sem ser seu é todo vosso.

– Meu? – disse ela – Desde quando?

– Desde quando vos prougue – disse ele.

– E como me prougue? – disse Oriana.

– Lembrem-vos, senhora – disse o Donzel – que no dia em que daqui vosso pai partiu me tomou a Rainha pela mão e pondo-me ante vós disse: “ Este donzel vos dou para que vos sirva”; e dissestes que vos prazia; desde então me tenho e me terei por vosso, para vos servir, sem que outra nem eu mesmo sobre mim senhorio tenha enquanto viva.

– Essa palavra – disse ele – tomaste vós com melhor entendimento do que o fim com que foi dita, mas bem me praz que assim seja.

Ele foi tão atónito do prazer que disto teve, que não soube responder nenhuma cousa; e ela viu que todo o senhorio tinha sobre ele, e dele se partindo foi-se à Rainha e soube que a causa da sua tristeza eram as perdas de sua irmã, o que, voltando ao Donzel, lhe contou. O Donzel disse:

– Se a vós, senhora, vos prouguesse que eu fosse cavaleiro, iria em ajuda dessa irmã da Rainha, outorgando-me vós a ida.

– E se eu não a outorgasse – disse ela – não iríeis lá?

– Não – disse ele – porque este meu vencido coração sem o favor de cujo é não poderia suste-se em nenhum confronto, nem mesmo sem ele.

Ela riu-se com bom semblante e disse-lhe:

– Pois que assim vos ganhei, outorgo-vos que sejais meu cavaleiro e que ajudeis aquela irmã da Rainha.

O donzel beijou-lhe as mãos e disse:

– Pois que el rei meu senhor não me quis fazer cavaleiro, mais à minha vontade o poderia agora ser deste rei Periom por vosso pedido.

– Eu farei o que puder – disse ela – mas mister será de o dizer à infanta Mabília, que o seu pedido muito valerá perante el Rei seu tio.

Então foi ter com ela e disse-lhe como o Donzel do Mar queria ser cavaleiro por mão do rei Periom, e que havia mister para isso do pedido delas. Mabília, que mui animosa era, e amava o Donzel do Mar de fraterno amor, disse:

– Pois façamo-lo por ele, que o merece, e venha à capela de minha mãe armado com todas as armas, e nós lhe faremos companhia com outras donzelas; e querendo el Rei Periom cavalgar para se ir, que segundo soube será antes da alva, eu enviar-lhe-ei rogar que me venha ver, e ali fará o que lhe rogarmos, que muito é cavaleiro de boas maneiras.

– Dizeis bem – disse Oriana.

E chamando as duas o Donzel disseram-lhe o que tinham acordado. Ele teve-o como mercê. Assim se partiram daquela fala em que os três isto acordaram; e o Donzel do Mar chamou Gandalim e disse-lhe:

– Irmão, leva as minhas armas todas à capela da Rainha encobertamente, que penso esta noite ser cavaleiro; e porque nesta hora me convém partir-me daqui, quero saber se quiserás ir comigo.

– Senhor, digo-vos que por meu grado nunca de vós serei partido.

Ao Donzel vieram-lhe as lágrimas aos olhos, e beijou-o no rosto e disse:

– Amigo, agora faz o que te disse.

Gandalim pôs as armas na capela enquanto a Rainha ceava; e as toalhas levantadas, foi-se o Donzel à capela e armou-se com todas as suas armas, salvo na cabeça e nas mãos, e fez a sua oração ante o altar, rogando a Deus que tanto nas armas como naqueles mortais desejos que sentia pela sua senhora lhe desse vitória. Quando a Rainha foi dormir, Oriana e Mabília, com algumas donzelas, foram ter com ele para o acompanhar; e como Mabília soube que o rei Periom queria cavalgar, enviou-lhe dizer que a viesse ver antes. E ele veio logo, e disse-lhe Mabília:

– Senhor, fazei o que vos rogar Oriana, filha do rei Lisuarte.

O Rei disse que de grado o faria, que o merecimento de seu pai a isso o obrigava. Oriana veio ante o Rei que, como a viu tão formosa, bem pensou que no mundo outra igual não se poderia encontrar; e disse ela:

– Eu vos quero pedir um dom.

– De grado – disse o Rei – o farei.

– Pois fazei-me este meu donzel cavaleiro.

E mostrou-lho, que de joelhos ante o altar estava. O Rei viu o Donzel tão formoso que muito se maravilhou; e chegando-se a ele disse:

– Quereis receber ordem de cavalaria?

– Quero – disse ele.

– Em nome de Deus; e que Ele mande que tão bem empregada em vós seja e tão crescida em honra como Ele vos cresceu em formosura.

E pondo-lhe a espora direita disse:

– Agora sois cavaleiro e podeis tomar a espada.

O Rei a tomou e deu-lha, e o Donzel a cingiu mui apostamente. E disse o Rei:

– Certamente que esta acto de vos armar cavaleiro, segundo vosso rosto e aparência, com maior honra o quisera ter feito. Mas espero em Deus que vossa fama será tal que dará testemunho daquilo que com mais honra se devia fazer.

E Mabília e Oriana ficaram mui alegres e beijaram as mãos do Rei, o qual, encomendando o Donzel a Deus, foi-se seu caminho.

Este foi o começo dos amores deste cavaleiro e desta infanta, e se, a quem o ler, esta palavras pareçam simples, não se maravilhe disso, porque não só em tão tenra idade como a sua mas em outras – que com grande discrição muitas cousas passaram neste mundo – o grande e demasiado amor teve tal força que o sentido e a língua em semelhantes actos se lhes turvou. Assim que com muita razão eles em as dizer e o autor em mais polidas as escrever devem ficar sem culpa, porque a cada cousa se deve dar o que lhe convém.

Tendo sido armado cavaleiro o Donzel do Mar, como acima fica dito, e querendo-se despedir de Oriana, sua senhora, e de Mabília e das outras donzelas que com ele tinham velado na capela, Oriana, a quem parecia partir-se-lhe o coração, sem o dar a entender, tirou-o à parte e disse-lhe:

– Donzel do Mar, eu vos tenho por tão bom que não creio que sejais filho de Gandales; se alguma cousa disso sabeis, dizei-mo.

O Donzel disse-lhe da sua fazenda aquilo que do rei Languines soubera, e ela, ficando mui alegre de o saber, encomendou-o a Deus. E à porta do paço encontrou ele Gandalim, que lhe tinha a lança e escudo e o cavalo, e cavalgando nele foi sua via, sem que de ninguém fosse visto, por ser ainda de noite; e tanto andou que entrou numa floresta, onde ao meio dia comeu do que Gandalim lhe levava; e sendo já tarde ouviu à

sua direita umas vozes mui dolorosas, como de homem que grande coita sentia; e foi asinha para lá; e no caminho encontrou um cavaleiro morto, e passando por ele viu outro que estava gravemente ferido, e sobre ele estava uma mulher que lhe fazia dar as vozes metendo-lhe as mãos nas chagas; e quando o cavaleiro viu o Donzel do Mar, disse:

– Ai, senhor cavaleiro, acorrei-me! E não deixeis assim que me mate esta aleivosa.

O Donzel disse-lhe:

– Afastai-vos, dona, que o que fazeis não vos convém.

Ela afastou-se, e o cavaleiro ficou amortecido; e o Donzel do Mar desceu do cavalo, que muito desejava saber quem seria, e tomou o cavaleiro nos braços, e tanto que deu acordo de si, disse:

– Ó senhor, morto sou e levai-me onde haja conselho para a minha alma!

O Donzel disse-lhe:

– Senhor cavaleiro, esforçai, e dizei-me, se vos prouguer, que fortuna é esta em que estais.

– A que eu quis tomar – disse o cavaleiro –; que eu, sendo rico e de grande linhagem, casei com aquela mulher que vistes por grande amor que lhe havia, sendo ela em tudo ao contrário. E esta noite passada ia-se-me com aquele cavaleiro que ali morto jaz, que nunca o vi senão esta noite que se aposentou em minha casa; e depois que em batalha o matei, disse-lhe que lhe perdoaria se jurasse de não mais me fazer torto nem desonra; e ela assim o outorgou. Mas quando viu ir-se-me tanto sangue das feridas, que me deixava sem alento, quis-me matar, metendo nelas as mãos; assim que sou morto, e rogo-vos que me leveis aqui adiante onde mora um ermitão que curará a minha alma.

O Donzel fê-lo cavalgar diante de Gandalim; e cavalgou e foram-se indo para a ermida; mas a malvada mulher mandara dizer a três irmãos seus que viessem por aquele caminho, com receio do seu marido que atrás dela iria; e estes encontraram-na e perguntaram-lhe como andava assim. Ela disse:

– Ai, senhores, acorrei-me, por Deus, que aquele mau cavaleiro que ali vai matou esse que aí vedes e a meu senhor leva tal como morto! Ide atrás dele e matai-o, e a um homem que consigo leva, que fez tanto mal como ele.

Isto dizia ela porque, morrendo ambos, não se saberia a sua maldade, porque no seu marido não acreditariam. E cavalgando no seu palafém, foi-se com eles para lhos

mostrar. O Donzel do Mar deixara já o cavaleiro na ermida e voltava ao seu caminho, mas viu como a donzela vinha com os três cavaleiros, que diziam:

– Parai, traidores, parai!

– Mentis – disse ele – que traidor não sou; antes me defenderei bem de traição, e vinde a mim como cavaleiros.

– Traidor! – disse o da frente – Todos te devemos fazer mal, e assim o faremos.

O Donzel do Mar, que tinha o seu escudo e o elmo postos, deixou-se ir ao primeiro, e homem a homem, feriu-o no escudo tão duramente que lho arrancou e ao braço que o segurava, e derribou-o a ele e ao seu cavalo tão bravamente que o cavaleiro ficou com o ombro direito partido e o cavalo, com a grande queda, uma perna, de guisa que nem um nem o outro se puderam levantar, e quebrou-lhe a lança; e deitou mão à sua espada que lhe guardara Gandalim, e deixou-se ir aos outros dois, e eles a ele; e apanharam-no no escudo, que lhe partiram, mas não o arnês, que forte era; e o Donzel feriu um por cima do escudo e cortou-lho até à embraçadura, e a espada atingiu o ombro, de guisa que com a ponta lhe cortou a carne e os ossos, que não lhe valeu o arnês; e ao retirar a espada o cavaleiro caiu em terra, e foi-se ao outro que o feria com a sua espada, e deu-lhe por cima do elmo, e feriu-o com tanta força na cabeça, que o fez abraçar na cerviz do cavalo, e deixou-se cair para não lhe esperar outro golpe; e a aleivosa quis fugir, mas o Donzel do Mar deu vozes a Gandalim que a apanhasse. O cavaleiro que em pé estava disse:

– Senhor, não sabemos se esta batalha foi a direito ou a torto.

– A direito não podia ser – disse ele –, que aquela mulher malvada matava o seu marido.

– Fomos enganados – disse ele –; e dai-nos garantias de segurança e sabereis a razão por que vos acometemos.

– A segurança – disse – vos dou, mas não vos quito a batalha.

O cavaleiro contou-lhe a causa por que a ele tinham vindo. O Donzel benzeu-se muitas vezes de o ouvir, e disse-lhes o que sabia.

– E vedes aqui o seu marido nesta ermida, que, assim como eu, vo-lo dirá.

– Pois que assim é – disse o cavaleiro – ficamos à vossa mercê.

– Isso não farei eu se não jurais, como leais cavaleiros, que levareis este cavaleiro ferido, e a sua mulher com ele, a casa do rei Languines; e direis o que aconteceu, e que a envia um cavaleiro novel que saiu hoje da vila onde ele está, e que mande fazer o que tiver por bem.

Isto outorgaram os dois, e o outro, depois que em mui mau estado o tiraram debaixo do cavalo.

CAPÍTULO V

Como Urganda, a desconhecida, trouxe uma lança ao Donzel do Mar

Deu o Donzel do Mar o seu escudo e o seu elmo a Gandalim e foram-se sua via; e não andou muito que viu vir uma donzela no seu palafrém e trazia uma lança com uma fita; e viu outra donzela que com ela se juntou, vinda doutro caminho; e vieram ambas falando na sua direcção, e como chegaram, a donzela da lança disse-lhe:

– Senhor, tomai esta lança, e digo-vos que antes de três dias fareis com ela tais golpes, por que livrareis a casa donde primeiro saístes.

Ele maravilhou-se do que ela dizia, e disse:

– Donzela, como pode a casa morrer ou viver?

– Assim será como eu digo – disse ela –; e a lança vos dou por algumas mercês que de vós espero. A primeira será quando fizerdes uma honra a um vosso amigo, por onde será posto na maior afronta e perigo em que foi posto cavaleiro há dez anos passados.

– Donzela – disse ele –, tal honra não farei eu a um meu amigo, se Deus quiser.

– Eu sei bem – disse ela – que assim acontecerá como eu digo.

E dando esporas ao palafrém foi-se sua via; e sabeis que esta era Urganda, a Desconhecida. A outra donzela ficou com ele e disse:

– Senhor cavaleiro, sou de terra estranha, e se quiserdes, acompanhar-vos-ei até ao terceiro dia e deixarei de ir aonde está minha senhora.

– E donde sois vós? – disse ele.

– De Dinamarca – disse a donzela.

E ele viu que dizia verdade pela sua linguagem, que algumas vezes ouvira falar a sua senhora Oriana quando era criança, e disse:

– Donzela, bem me praz, se por afam não o tiverdes.

E perguntou-lhe se conhecia a donzela que a lança lhe tinha dado. Ela disse que nunca a vira senão naquele momento, mas que lhe dissera que a trazia para o melhor cavaleiro do mundo; “e disse-me que depois que de vós se partisse, que vos fizesse saber que era Urganda, a Desconhecida, e que muito vos ama”.

– Ai, Deus – disse ele – como sou sem ventura em a não conhecer; e se a deixo de procurar, é porque ninguém a encontrará sem seu grado!

E assim andou com a donzela até à noite, quando encontrou um escudeiro no caminho que lhe disse:

– Senhor, para onde ides?

– Vou por este caminho – disse ele.

– Verdade é – disse o escudeiro –; mas se vos quereis aposentar num povoado convém que o deixeis, que daqui até muito longe não se encontrará senão uma fortaleza que é do meu pai, e ali se vos fará todo o serviço.

A donzela disse-lhe que seria bem e ele outorgou-o. O escudeiro desviou-os do caminho para os guiar, e isto fazia por um costume que havia aí adiante num castelo por donde o cavaleiro havia de ir; e queria ver o que faria, que nunca vira combater cavaleiro andante. Pois chegados a sua casa, aquela noite foram mui bem servidos. Mas o Donzel do Mar não dormia muito, que a maior parte da noite esteve pensando na sua senhora que tinha deixado; e pela manhã armou-se e foi sua via com a donzela e o escudeiro. O seu hospedeiro disse-lhe que lhe faria companhia até ao castelo que havia ali adiante; assim andaram três léguas, e viram o castelo, que mui formoso parecia, que estava sobre um rio, e tinha uma ponte levadiça e ao cabo dela uma torre mui alta e formosa. O Donzel do Mar perguntou ao escudeiro se aquele rio tinha outra passagem sem ser pela ponte. Ele disse que não, que todos passavam por ela “e nós por aí vamos passar”.

– Pois ide adiante – disse ele.

A donzela passou e os escudeiros depois, e o Donzel do Mar no fim; e ia tão firmemente pensando na sua senhora, que todo fora de si ia. Assim que a donzela entrou, tomaram-na seis peões pelo freio, armados de capelinas e couraças, e disseram:

– Donzela, convém que jureis; senão, sois morta.

– Que jurarei?

– Jurarás de não fazer amor a teu amigo em nenhum tempo se não vos promete que ajudará o rei Abiés contra o rei Periom.

A donzela deu vozes dizendo que a queriam matar. O Donzel do Mar foi para lá, e disse:

– Vilões malvados, quem vos mandou pôr a mão em dona ou donzela, para mais nesta que vai à minha guarda?

E chegando-se ao maior deles agarrou-o pela acha, e deu-lhe tal ferida com a conqueira que o fez cair em terra; os outros começaram a atacá-lo, mas ele deu a um tal golpe que o cortou até aos costados e feriu a outro no ombro e cortou-o até aos ossos do costado. Quando os outros viram estes dois mortos de tais golpes, não foram seguros e começaram a fugir; e ele tirou a um a acha que bem meia perna lhe cortou, e disse à donzela:

– Ide adiante, que mal hajam quantos têm por direito que vilãos ponham a mão em dona ou donzela.

Então seguiram adiante pela ponte e ouviram do outro cabo, da parte do castelo, grande revolta. Disse a donzela:

– Grande ruído de gente parece, e eu acharia melhor que tomásseis vossas armas.

– Não temais – disse ele –, que em lugar onde as mulheres são maltratadas, devendo andar seguras, não pode haver homem que nada valha.

– Senhor – disse ela – se as armas não tomais, não ousarei passar mais adiante.

Ele as tomou e passou adiante, e entrando pela porta do castelo, viu um escudeiro que vinha chorando e dizia:

– Ai, Deus, como matam o melhor cavaleiro do mundo, porque não faz uma jura que não pode sustentar com direito!

E passando por ele, viu o Donzel do Mar o rei Periom, que o fizera cavaleiro, assaz maltratado, que lhe haviam morto o cavalo e dois cavaleiros com dez peões sobre ele, armados, que o atacavam por todas as partes; e os cavaleiros diziam-lhe:

– Jura; senão, morto és.

O Donzel disse-lhes:

– Tirai-vos fora, gente malvada, soberba; não punhais a mão no melhor cavaleiro do mundo, que todos por ele morrereis.

Então vieram a ele um cavaleiro e cinco peões, e disseram-lhe:

– A vós também convém de jurar ou sereis morto.

– Como – disse ele – jurarei contra minha vontade? Nunca assim será, se Deus quiser.

Eles deram vozes ao porteiro que fechasse a porta. E o Donzel foi-se ao cavaleiro e atacou-o com a sua lança no escudo de maneira que o fez cair em terra por cima das ancas do cavalo, e ao cair deu o cavaleiro com a cabeça no chão, que se lhe torceu o pescoço e ficou como morto; e deixando os peões que o atacavam, foi-se ao

outro cavaleiro e atravessou-lhe o escudo e o arnês e meteu-lhe a lança pelos costados, que não houve mester médico. Quando o rei Periom se viu assim socorrido, esforçou-se por se melhor defender, e com a sua espada dava grandes golpes à gente a pé. Mas o Donzel do Mar entrou tão desenfreadamente entre eles com o cavalo e desferindo com a sua espada tão mortais e esquivos golpes, que fez cair por terra a maior parte deles. Assim que com isto e com o que o Rei fazia, não tardou muito em serem todos destroçados, e alguns que fugir puderam subiram ao muro; mas o Donzel apeou-se do cavalo e foi atrás deles, e tão grande era o medo que levavam que, não o ousando esperar, atiravam-se da cerca abaixo, salvo dois deles, que se meteram numa câmara. E o Donzel, que os seguia, entrou atrás deles, e viu num leito um homem tão velho que dali não se podia levantar, e dizia gritando:

– Vilãos malvados, ante quem fugis?

– Ante um cavaleiro – disseram eles – que faz diabruras e matou a ambos os vossos sobrinhos e a todos os nossos companheiros.

O Donzel disse a um deles:

– Mostra-me o teu senhor; senão, morto és.

Ele mostrou-lhe o velho que jazia no leito. E ele começou a benzer-se e disse:

– Velho malvado, estás na hora da morte e tens tal costume? Se agora pudésseis tomar armas, provar-vos-ia que éreis traidor, que assim o sois perante Deus e vossa alma.

Então fingiu que lhe queria dar com a espada, e o velho disse:

– Ai, senhor, mercê, não me mateis!

– Morto sois – disse o Donzel do Mar – se não jurais que tal costume nunca mais em vossa vida será mantido.

Ele jurou-o.

– Pois agora dizei-me porque mantíneis este costume.

– Pelo rei Abiés de Irlanda – disse ele – que é meu sobrinho, e como eu não o posso ajudar com o corpo, quisera-o ajudar com os cavaleiros andantes.

– Velho falso – disse o Donzel – que têm a ver os cavaleiros com a vossa ajuda ou estorvo?

Então deu-lhe um pontapé no leito e virou-o sobre ele, e encomendando-o a todos os diabos do inferno, saiu-se ao curral, e foi tomar um dos cavalos dos cavaleiros que matara, e trouxe-o ao Rei e disse:

– Montai, senhor, que pouco me agrada este lugar nem os que nele estão.

Então cavalgaram e saíram fora do castelo; e o Donzel do Mar não tirou o elmo para que o rei não o conhecesse; e sendo já fora disse o rei:

– Amigo senhor, quem sois que me acorrestes sendo cerca da morte e impedistes que me estorvassem muitos cavaleiros andantes, e os amigos das donzelas que por aqui passassem, que eu sou aquele contra quem haviam de jurar?

– Senhor –, disse o Donzel do Mar – eu sou um cavaleiro que teve vontade de vos servir.

– Cavaleiro –, disse ele – isso vejo eu bem, que dificilmente poderia um homem encontrar noutro tão bom socorro; mas não vos deixarei sem que vos conheça.

– Isso não tem a vós nem a mim prol.

– Pois rogo-vos por cortesia que tireis o vosso elmo.

Ele baixou a cabeça e não respondeu; mas o rei rogou à donzela que lho tirasse, e ela disse-lhe:

– Senhor, fazei o que o Rei vos pede, que tanto o deseja.

Mas ele não quis, e a donzela tirou-lhe o elmo contra a sua vontade; e quando o Rei lhe viu o rosto conheceu ser aquele o donzel que ele armara cavaleiro a rogo das donzelas; e abraçando-o, disse:

– Por Deus, amigo, agora conheço-vos eu melhor do que antes.

– Senhor – disse ele – eu bem vos reconheci por me teres dado honra de cavalaria, o que, se a Deus prouguer, vos servirei na vossa guerra de Gaula, tanto que outorgado me for, e até então não vos quisera dar-me a conhecer.

– Muito vos agradeço – disse o rei – que por mim fazeis tanto que mais não pode ser, e dou muitas graças a Deus que por mim foi feita tal obra.

Isto dizia por o haver feito cavaleiro, que da dívida que lhe havia não a conhecia nem pensava.

Falando disto, chegaram a dois caminhos, e disse o Donzel do Mar:

– Senhor, qual destes caminhos seguis?

– Este que vai para a esquerda – disse ele – que é a direita via para ir para a minha terra.

– Ide com Deus – disse ele – que eu tomarei o outro.

– Deus vos guie – disse o Rei – e lembre-vos o que me prometestes, que vossa ajuda me tirou a maior parte do pavor e me dá esperança de com ela serem remediadas as minhas perdas.

Então foi-se sua via, e o Donzel ficou com a donzela, a qual lhe disse:

– Senhor cavaleiro, eu fiquei convosco por aquilo que a donzela que vos deu a lança me disse: que a trazia o melhor cavaleiro do mundo; e tanto vi que reconheço ser verdade. Agora quero voltar ao meu caminho para ver aquela minha senhora de que vos falei.

– E quem é ele? – disse o Donzel do Mar.

– Oriana, a filha do rei Lisuarte – disse ela.

Quando ele ouviu mencionar a sua senhora, estremeceu-lhe o coração tão fortemente, que por pouco não caíra do cavalo; e Gandales que assim o viu atónito abraçou-se a ele; e o Donzel disse:

– Morto sou do coração.

A donzela, cuidando que doença fosse, disse:

– Senhor cavaleiro, desarmai-vos, que tivestes alguma coisa.

– Não é mister – disse ele –, que amiúde tenho este mal.

O escudeiro de que já ouvistes falar disse à donzela:

– Vais a casa do rei Languines?

– Sim – disse ela.

– Pois eu vos farei companhia – disse ele – que tenho de estar aí num prazo certo.

E despedindo-se do Donzel do Mar, tornaram-se pela via por onde tinham vindo; e ele foi-se pelo caminho aonde a ventura o guiava.

(Segue-se nova aventura do Donzel socorrendo uma donzela, que se vem a saber ser a amada de Agrajes, filho do rei de Escócia, e que no fim consegue saber-lhe o nome; de regresso à corte do rei Lisuarte, onde também já tinha chegado a outra donzela da aventura anterior, ambas o elogiam muitíssimo, o que muito alegra Oriana. Chegam também o marido enganado e a mulher malvada da primeira aventura e o Rei, contra a opinião do marido, que mesmo assim quer salvar a mulher, manda-a queimar. Entretanto o pai de Oriana manda-a chamar e ela parte com Mabília para a Grã Bretanha, não sem antes, arrumando as suas coisas, ter encontrado a carta com a cera que tinha acompanhado Amadis na arca; e envia-lha por uma donzela. Amadis, ao fim de se ter recomposto, num castelo amigável, das feridas recebidas na última aventura, reúne-se com Agrajes e chegam ambos à corte do rei Periom)

(O Rei) ficou muito alegre com a vinda deles e fez-lhe dar boas pousadas, e a rainha Elisena mandou dizer ao seu sobrinho Agrajes que a fosse ver. Ele chamou o Donzel do Mar e outros cavaleiros para lá ir. O rei Periom olhou o Donzel e reconheceu que era aquele que tinha armado cavaleiro e que lhe tinha ocorrido no castelo do velho, e foi ao seu encontro e disse:

– Amigo, sede mui bem vindo, e sabeí que em vós tenho eu grande esperança, tanta que já não duvido da minha guerra, pois vos tenho na minha companhia.

– Senhor – disse ele – em vossa ajuda me tereis vós enquanto durar a minha pessoa e a guerra tenha fim.

Assim falando, chegaram à Rainha, e Agrajes foi-lhe beijar as mãos, e ela ficou muito contente de o ver. E o Rei disse-lhe:

– Dona, aqui vedes o mui bom cavaleiro de que vos eu falei, que me tirou do maior perigo em que jamais fui; este vos digo que ameis mais que a nenhum outro cavaleiro.

E ela veio-o abraçar. E ele ajoelhou-se ante ela e disse:

– Senhora, eu sou criado de vossa irmã e por ela venho a servir-vos; e podeis mandar-me como ela mesma.

A Rainha agradeceu-lhe com muito amor, e olhava-o como era tão formoso, e lembrando-se dos seus filhos que tinha perdido, vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Assim que chorava por aquele que ante ela estava e não o sabia. E o Donzel do Mar disse-lhe:

– Senhora, não choreis, que em breve regressareis à vossa alegria com a ajuda de Deus e do Rei e deste cavaleiro vosso sobrinho, e de mim, que de grado vos servirei.

Ela disse:

– Meu bom amigo, vós que sois cavaleiro de minha irmã, quero que pouseis em minha casa, e ali vos darão as cousas que houverdes mister.

Agrajes queria levá-lo consigo, mas o Rei e a Rainha rogaram-lhe tanto que o outorgou. Assim ficou à guarda de sua mãe, onde lhe faziam muita honra.

(Segue-se uma batalha com os inimigos do rei Periom, que Amadis vence em confronto directo com o rei Abiés)

Aclamado o Donzel do Mar pelo rei Periom e Agrajes e toda a sua gente, e retirado do campo de batalha com aquela glória que os vencedores em tais

circunstâncias costumam ganhar, não somente pela honra mas pela restituição de um reino a quem perdido o tinha, vão-se todos à vila. E a Donzela da Dinamarca, que da parte de Oriana a ele vinha, como já se vos disse, chegara ali ao tempo em que a batalha começou; e como viu que com tanta honra a acabara, chegou-se a ele e disse-lhe:

– Donzel do Mar, vinde falar comigo à parte e dir-vos-ei de vossa fazenda mais do que vós sabeis.

Ele recebeu-a bem e afastou-se com ela indo pelo campo, e a Donzela disse-lhe:

– Oriana, vossa amiga, me envia a vós, e dou-vos da sua parte esta carta em que o vosso nome está escrito.

Ele tomou a carta, mas não entendeu nada do que ela disse, de tal modo ficou alterado quando ouviu mencionar a sua senhora; antes lhe caiu a carta das mãos e ficou debruçado na cerviz do cavalo, e estava como que fora do seu sentido. A donzela pediu a carta que no campo estava a um dos tinham ficado a olhar a batalha, e voltou para ele, estando todos olhando o que acontecera e maravilhando-se como assim se havia turbado o Donzel com as novas da donzela; e quando ela chegou, disse-lhe:

– Que é isso, senhor? Tão mal recebeis mandado da mais alta donzela do mundo, daquela que vos muito ama e me fez sofrer tanto afam para vos encontrar?

– Amiga – disse ele – não entendi o que me haveis dito com este mal que me ocorreu, como já outra vez ante vós me aconteceu.

A donzela disse:

– Senhor, não há mister segredos comigo, que eu sei mais da vossa fazenda e da de minha senhora que vos pensais; que ela assim o quis, e digo-vos que se a amais, que não fazeis torto, que ela vos ama tanto que de ligeiro não se poderia contar; e sabeis que a levaram a casa de seu pai e envia-vos dizer que tanto que desta guerra vos partirdes, que vades à Grã Bretanha e procureis morar com seu pai até que ela vos mande; e diz-vos que sabe como sois filho de rei, e que não fica ela, por isso, menos alegre que vós, e que pois que não conhecendo vossa linhagem éreis tão bom, que trabalheis para o ser agora muito melhor.

E então lhe deu a carta, e disse-lhe:

– Eis aqui esta carta em que está escrito o vosso nome; e esta levastes ao colo quando vos deitaram ao mar.

Ele tomou-a e disse:

– Ai carta, como foste bem guardada por aquela senhora cujo é meu coração, por aquela por quem eu muitas vezes ao ponto da morte fui chegado; mas se dores e angústias por sua causa houve, em muito mais alegria sou satisfeito! Ai, Deus, senhor, e quando verei eu o tempo em que servir possa aquela senhora por esta mercê que me faz?!

E lendo a carta conheceu por ela que o seu verdadeiro nome era Amadis. A donzela disse-lhe:

– Senhor, eu quero voltar logo para minha senhora, pois que executei o seu mandado.

– Ai, donzela – disse o Donzel do Mar – por Deus! Folgai aqui até ao terceiro dia, e de mim não vos partais por nenhuma guisa, e eu vos levarei onde vos prouguer.

– A vós vim – disse a donzela – e não farei al senão o que mandardes.

Assim foram até ao paço e encontraram na câmara do Donzel do Mar a Rainha com todas as suas donas e donzelas fazendo mui grande alegria, e nos braços delas foi assim tirado do seu cavalo e desarmado pelas mãos da Rainha. E vieram mestres que o curaram das feridas, e ainda que muitas fossem, não havia nenhuma que muito cuidado lhe desse. O Rei quisera que ele e Agrajes comessem com ele, mas ele não quis senão com a donzela para a honrar, que bem via que ela poderia remediar grande parte das suas angústias. Assim folgou alguns dias com grande prazer, em especial com as boas novas que lhe tinham vindo, tanto que nem o trabalho passado, nem as chagas presentes não o impediram que não se levantasse e andasse numa sala sempre falando com a donzela, que ele detinha de forma que não partisse até que ele pudesse tomar armas e levá-la. Mas um caso maravilhoso que na altura aconteceu foi causa que, tardando ele alguns dias, a donzela sozinha se fosse, como agora ouvireis.

CAPÍTULO X

Como o Donzel do mar foi conhecido pelo rei Periom, seu pai, e por sua mãe Elisena.

No princípio já se contou como o rei Periom deu à rainha Elisena, sendo sua amiga, um de dois anéis iguais que ele trazia na mão, que um do outro não se podiam diferenciar, e como ao tempo em que o Donzel do Mar foi deitado ao rio na arca levou ao pescoço aquele anel, e como depois lhe foi dado, com a espada, pelo seu amo

Gandales. E o rei Periom havia perguntado algumas vezes à Rainha pelo anel, e ela, com vergonha de ele saber onde o pusera, dizia-lhe que o tinha perdido. Pois aconteceu que, passando o Donzel do Mar por uma sala falando com a sua donzela, viu Milícia, filha do Rei, pequena, que estava chorando, e perguntou-lhe o que tinha. A menina disse:

– Senhor, perdi um anel que o Rei me deu a guardar enquanto dorme.

– Pois eu vos darei – disse ele – outro, tão bom ou melhor para lhe dares.

Então tirou do seu dedo um anel e deu-lho. Ela disse:

– Este é o que eu perdi.

– Não é – disse ele.

– Pois é o anel do mundo que mais se parece com ele – disse a menina

– Por isso é melhor – disse o Donzel do Mar – que em lugar do outro lho deis.

E deixando-a foi-se com a donzela até à sua câmara e deitou-se num leito e ela noutro que ali havia. O Rei acordou e pediu à filha que lhe desse o anel, e ela deu-lhe aquele que tinha. Ele meteu-o no dedo crendo que fosse o seu, mas viu jazer no fundo da câmara o outro que a sua filha tinha perdido, e apanhando-o juntou-o com o outro e viu que era o que ele havia dado à Rainha, e disse à menina:

– Que aconteceu com este anel?

Ela, que muito o temia, disse:

– Por Deus, senhor, perdi o vosso, e passou por aqui o Donzel do Mar, e como viu que eu chorava deu-me esse que ele trazia e eu pensei que era o vosso.

O Rei teve suspeitas da Rainha, que a grande bondade do Donzel do Mar, juntamente com a sua mui demasiada formosura lhe tivessem dado algum pensamento indevido, e tomando a sua espada entrou na câmara da Rainha e, fechada a porta, disse:

– Dona, vós me negastes sempre o anel que eu vos havia dado, e o Donzel do Mar deu-o agora a Melícia; como pode ser isto que vedes aqui? Dizei-me de que maneira o houve, e se me mentis, a vossa cabeça o pagará.

A Rainha, que mui irado o viu, caiu a seus pés e disse-lhe:

– Ai, senhor, por Deus, mercê! Pois de mim suspeitais, agora vos direi minha coita, que até aqui vos neguei.

Então começou a chorar mui fortemente, batendo com as mãos no rosto, e disse como deitara o seu filho ao rio e que levava consigo a espada e aquele anel.

– Por Santa Maria! – disse o rei – Eu creio que este é nosso filho.

A Rainha estendeu as mãos, dizendo:

– Assim prouguesse ao Senhor do mundo!

– Vamo-nos agora lá, eu e vós – disse o Rei – e perguntemos-lhe de sua fazenda.

Logo foram ambos sozinhos à câmara onde ele estava e encontraram-no dormindo mui sossegadamente, e a Rainha não fazia senão chorar pela suspeita que tão injustamente dela se fazia. Mas o rei tomou a espada na mão, que à cabeceira da cama estava posta, e olhando-a, reconheceu-a logo como aquele que com ela muitos e bons golpes dera, e disse à Rainha:

– Por Deus, esta espada conheço eu bem, e agora acredito mais no que me dissestes.

– Ai, senhor – disse a Rainha – não o deixemos mais dormir, que o meu coração muito se queixa.

E dirigiu-se a ele, e agarrando-lhe a mão puxou-o um pouco para si dizendo:

– Amigo senhor, acorrei-me nesta aflição e angústia em que estou.

Ele acordou e viu-a mui fortemente a chorar e disse:

– Senhora, que é isso que haveis? Se o meu serviço pode em algo remediar, mandai-mo, que até à morte se cumprirá.

– Ai, amigo – disse a rainha – pois agora acorrei-nos com a vossa palavra em dizer cujo filho sois.

– Assim Deus me ajude – disse ele – não o sei, que eu fui encontrado no mar por grande ventura.

A Rainha caiu a seus pés toda turvada e ele ajoelhou-se ante ela e disse:

– Ai, Deus! Que é isto?

E ela disse chorando:

– Filho, vês aqui o teu pai e a tua mãe.

Quando ele isto ouviu, disse:

– Santa Maria! Que será isto que ouço?

A Rainha, tomando-o nos braços, voltou-se e disse:

– É, filho, que quis Deus em sua mercê que recobrássemos aquele erro que por grande medo eu fiz; e, meu filho, eu como má mãe vos deitei ao mar, e aqui vedes o Rei que vos engendrou.

Então caiu de joelhos e beijou-lhes as mãos com muitas lágrimas de prazer, dando graças a Deus por assim o ter tirado de tantos perigos para no fim lhe dar tanta honra e boa ventura com tal pai e mãe. A Rainha disse:

– Filho, sabeis vós se haveis outro nome sem ser este?

– Senhora, sim, sei – disse ele – que ao partir-me da batalha me deu a donzela uma carta que levei envolta em cera quando ao mar fui lançado, em que diz chamar-me Amadis.

Então, tirando-a do seu seio, deu-lha, e viram como era a mesma que Darioleta tinha escrito de sua mão, e disse:

– Meu amado filho, quando esta carta foi escrita, estava eu em toda a coita e dor, e agora estou em toda a folgança e alegria; bendito seja Deus! E daqui em diante chamai-vos por este nome.

– Assim o farei – disse ele.

E foi chamado Amadis, e em outras muitas partes Amadis de Gaula. O prazer que Agrajes, seu primo, teve com estas novas, e todos os outros do reino, seria escusado dizer, que encontrando os filhos perdidos, ainda que arrevesados e mal acostumados sejam, recebem os pais e parentes consolação e alegria. Pois olhai o que podia ser com ele, que em todo o mundo era um claro e luminoso espelho.

Assim que, deixando de falar mais disto, contaremos o que depois aconteceu.

(continua)

SOBRE AMADIS – BREVE NOTA

Amadis de Gaula é o mais célebre exemplar ibérico de um dos géneros literários mais apreciados e lidos na Idade Média europeia, a novela ou romance de cavalaria. Inserindo-se na tradição artúrica (o universo cujas personagens mais célebres são o rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, de um ciclo geralmente conhecido como A Demanda do Santo Graal), Amadis é indiscutivelmente uma criação peninsular, muito embora a sua datação e o seu autor continuem a levantar inúmeros problemas (brevemente referidos mais adiante). A essa tradição artúrica deve Amadis de Gaula a sua estrutura, universo e valores (um mundo de aventuras cavaleirescas num universo de maravilha), mas também, por exemplo, o espaço (Londres, Windsor, Bristol são espaços de eleição, bem como a Normandia ou mesmo a Dinamarca e a Noruega; quanto a Gaula poderá corresponder quer a Gales, quer à Bretanha Francesa, ou Pequena Bretanha).

Inserindo-se, pois, nesta fecunda tradição literária medieval, Amadis é, no entanto, uma criação original, que ultrapassou largamente, aliás, as fronteiras da Península Ibérica e se transformou num dos romances de cavalaria mais lidos na Europa até, pelo menos, ao século XVII (com traduções quinhentistas nomeadamente para francês, inglês, italiano, alemão, holandês e hebraico). No espaço ibérico, as 19 edições castelhanas da obra apenas no período que medeia entre a primeira edição impressa conhecida (1508) até 1586 poderão exemplificar o seu enorme êxito. A sua fecundidade, em termos de obras directamente nele inspiradas, é imensa, desde as inúmeras sequelas quinhentistas (narrativas das aventuras de netos, bisnetos, tetranetos, familiares e companheiros de Amadis) até aos grandes textos, como a Tragicomédia de Amadis de Gaula, de Gil Vicente ou mesmo, no registo paródico da despedida, D. Quixote de la Mancha de Cervantes (que o abre, aliás, com um conjunto de poemas “da autoria” das principais personagens do Amadis, dedicados a D. Quixote, o novo “herói” cavaleiresco). Do ponto de vista cultural, a influência de Amadis é igualmente enorme, estendendo-se mesmo a zonas inesperadas, como é o caso do nome dado à Califórnia (directamente retirado do livro V).

Se a primeira edição impressa conhecida de Amadis data, como se disse de 1508, a criação do romance é, no entanto, muito anterior e remonta, ao que tudo indica, ao século XIV. Foi, pois, em meados de Trezentos que o romance original foi

escrito e dele circularam certamente variadas cópias manuscritas, das quais, infelizmente, nenhuma chegou até nós. Abundam, no entanto, os testemunhos da celebridade e difusão da obra desde o final do século XIV e ao longo de todo o século XV (de referências cronísticas à onomástica, incluindo um cão chamado Amadis em 1387). É exactamente em meados do século XV que o castelhano Garcí Rodríguez de Montalvo, cavaleiro de Medina del Campo, decide elaborar uma refundição “corrigida” “dos antigos originais que estavam corruptos e mal compostos em antigo estilo, por falta dos diferentes e maus escritores”, como ele próprio afirma no final do seu Prólogo (vide p. 3), versão a que acrescenta um novo livro, As Sergas de Esplandião (filho de Amadis). A única versão que temos actualmente do Amadis (pelo menos no estado actual das investigações) é, pois, esta versão castelhana, corrigida e acrescentada, de Montalvo, elaborada muito provavelmente por volta da década de 1480 (e que serviu de base à presente tradução).

Todos estes dados sobre a fortuna da obra, abundantes, mas incertos, originaram uma polémica, que subsiste, quanto à autoria e nacionalidade do Amadis de Gaula, que portugueses e castelhanos reivindicam. Para os defensores da tese de que o original seria em língua portuguesa (nomeadamente Rodrigues Lapa) o seu autor poderia ser o trovador João de Lobeira (activo na corte de D. Dinis), e a versão de Montalvo seria igualmente uma tradução. Para os defensores da tese castelhana (nomeadamente o editor que esta tradução segue, Cacho Blecua) o seu autor continua anónimo, muito embora entendam que Montalvo refunde um original castelhano, de um autor castelhano. O facto de subsistir apenas a versão de Montalvo do Amadis e nenhum texto ou fragmento em português é, seguramente, um argumento de peso em favor da tese castelhana. No entanto, há um conjunto de outros elementos que mantêm o debate em aberto, dos quais um dos mais importantes é o facto de o Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa, que reúne a obra dos trovadores e jograis galego-portugueses, incluir um poema presente em Amadis, o Lais de Leonoreta, atribuindo-o exactamente ao trovador português João Lobeira. Ao mesmo tempo, no capítulo XL do livro I de Amadis, um D. Afonso de Portugal é colocado a intervir sobre a sorte de uma formosa donzela, apaixonada pelo herói (que lhe resiste, em preito de fidelidade à sua amada Oriana), sugerindo um desfecho mais “humano” para o episódio. Embora haja vários candidatos para este D. Afonso, o facto de ele ser nomeado no interior do

próprio texto é, para os defensores da tese portuguesa, uma prova de que o romance teria sido efectivamente escrito em Portugal¹.

Português ou castelhano, Amadis de Gaula é indiscutivelmente uma das obras mais marcantes da cultura medieval ibérica. A presente tradução pretende, assim, dar a ler um texto que marcou assinalavelmente o imaginário peninsular e europeu durante séculos, e irá sendo completada à medida das possibilidades da autora.

Graça Videira Lopes

¹ Para uma discussão mais aprofundada destes problemas, embora na perspectiva castelhana, vide a introdução de Cacho Blecua à edição citada; as posições de Rodrigues Lapa são expostas, nomeadamente, na introdução à sua tradução de textos seleccionados do *Amadis*, publicada na colecção “Textos Literários”, Seara Nova (Lisboa, várias edições).